INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Vozes através da lente: Experiências de integração de refugiadas sírias em Gaziantep através da metodologia Photovoice

Ana Lomba de Carvalho Seixas

Mestrado em Ação Humanitária

Orientadora:
Doutora Annelien Groten, Professora Auxiliar Convidada,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora:
Doutora Joana Fonseca França Azevedo, Professora Associada,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Janeiro, 2026

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

BUSINESS
SCHOOL

Vozes através da lente: Experiências de integração de refugiadas sírias em Gaziantep através da metodologia Photovoice

Ana Lomba de Carvalho Seixas

Mestrado em Ação Humanitária

Orientadora:
Doutora Annelien Groten, Professora Auxiliar Convidada,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora:
Doutora Joana Fonseca França Azevedo, Professora Associada,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Janeiro, 2026

“The camera is an instrument that teaches people how to see without a camera”

Dorothea Lange

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer profundamente ao meu marido e aos meus filhos pela paciência e o amor incondicional que partilhamos entre nós. O vosso apoio foi a minha motivação durante todo este projeto.

Gostaria de expressar a minha gratidão às minhas orientadoras, cujo apoio e incentivo foram importantes para superar os obstáculos enfrentados durante o processo de investigação.

Gostaria ainda de agradecer ao Iscte, pela formação académica que me foi proporcionada no decorrer do curso. Os conhecimentos adquiridos deram-me a coragem e a determinação necessárias para elaborar e realizar o presente projeto de investigação na Turquia.

É imprescindível manifestar a minha profunda admiração e gratidão à organização SENED, cuja colaboração e apoio foram fundamentais para o desenvolvimento desta investigação de campo. Gostaria de agradecer ao Sr. Mustafa Alhüseyin, bem como a todos os colegas que me acompanharam nesta jornada: Deniz, Esme, Nuur, Mohamed e Ali. O convívio com vocês foi muito especial e determinante para o meu desenvolvimento pessoal e o amadurecimento da minha perspetiva.

Gostaria de agradecer ao intérprete Rabi, cuja intervenção foi indispensável para a superação das barreiras linguísticas inerentes a este trabalho de campo. O seu trabalho constituiu uma ligação crucial entre mim e as participantes, que proporcionou a confiança e a empatia necessárias para a troca de experiências.

Por fim, gostaria de agradecer do fundo do meu coração e expressar a minha profunda admiração a todas as mulheres envolvidas neste projeto e que tiveram comigo até o final. A vossa preciosa colaboração, a confiança e a generosidade manifestadas por meio das imagens produzidas e as narrativas pessoais, foi o que fundamentou esta investigação. Cada encontro não só enriqueceu o estudo, como também acrescentou significado à trajetória pessoal de cada uma de nós e de todos aqueles que vierem a ter contacto com este estudo.

Resumo

O presente estudo fundamenta-se no processo de integração mútua entre refugiados e a sociedade que os acolhe, o qual ambos participam na construção de novas formas de convivência. Desta maneira, o estudo propõe compreender, de que modo, refugiadas mulheres que vivem em contexto urbano, na Turquia, integram-se e transformam o espaço urbano e a sociedade, na cidade de Gaziantep. Esta cidade teve um papel central na resposta humanitária à crise síria, ao proporcionar acolhimento a um grande número de refugiados. Apesar do recente regresso de muitas famílias às suas terras, o número de refugiados ainda permanece elevado. O estudo utiliza a metodologia participativa do Photovoice que reforça a importância da produção colaborativa de conhecimento. Esta metodologia permite que os próprios participantes partilhem, através de fotografias e narrativas pessoais, as suas experiências cotidianas, os desafios enfrentados e as estratégias de superação dos obstáculos. Este projeto foi desenvolvido em colaboração com a organização SENED, tendo sido implementado localmente, na cidade de Gaziantep, na Turquia, durante um período de quatro semanas. O projeto enfatiza o método de escuta ativa e a produção de imagens como ferramentas de análise sociológica. O estudo tem como objetivo contribuir para o debate atual sobre as migrações forçadas e a narrativa de pertencimento, tanto para a produção de conhecimento como para a adoção de práticas e políticas mais inclusivas.

Palavras-chaves:

Refugiados, Migração, Espaço urbano, Photovoice, Integração social

Códigos JEL:

F22, I38, R23

Abstract

This study is based on the process of mutual integration between refugees and the society that hosts them, in which both participate in the construction of new forms of coexistence. Thus, the study aims to understand how female refugees living in an urban context in Turkey integrate and transform urban space and society in the city of Gaziantep. This city played a key role in the humanitarian response to the Syrian crisis by providing shelter to a large number of refugees. Despite the recent return of many families to their homeland, the number of refugees remains high. The study uses the participatory Photovoice methodology, which reinforces the importance of collaborative knowledge production. This methodology allows participants themselves to share, through photographs and personal narratives, their daily experiences, the challenges they face and their strategies for overcoming obstacles. This project was developed in collaboration with the organisation SENED and was implemented locally in the city of Gaziantep, Turkey, over a period of four weeks. The project emphasises the method of active listening and the production of images as tools for sociological analysis. The study aims to contribute to the current debate on forced displacement and the narrative of belonging, both for the production of knowledge and for the adoption of more inclusive practices and policies.

Keywords:

Refugees, Migration, Urban space, Photovoice, Social integration

JEL codes:

F22, I38, R23

Índice

Agradecimentos 1

Resumo 2

Abstract 3

Índice de figuras 6

Índice de quadros 7

Glossário de siglas 8

Introdução 9

Da migração ao olhar etnográfico 9

Objetivos da investigação e fundamentação metodológica 10

1. Revisão da literatura 12

1.1 Enquadramento histórico e político da Turquia da era Otomana à atualidade 12

1.2 Termos e conceitos fundamentais sobre migração e refúgio 13

1.3 Contexto humanitário da migração na Turquia 16

1.4 Situação dos refugiados na cidade de Gaziantep 20

1.5 Mulheres refugiadas sírias no espaço urbano da Turquia 22

1.6 Fotografia nas ciências sociais e humanas 23

1.7 Metodologia do Photovoice: conceitos, percurso histórico e aplicações 24

2. Pergunta de investigação 30

3. SENED a Organização parceira no terreno 31

4. Metodologia do estudo 33

4.1 Metodologia participativa e contextualização 33

4.2 Uso de câmaras fotográficas digitais no projeto 36

4.3 Seleção de participantes 37

4.4 Etapas do projeto 39

4.5 Aspectos éticos e termos de consentimento 40

5. Limitações metodológicas 42

6. Apresentação e análise dos dados 44

6.1 Descrição do processo de recolha e organização dos dados 44

6.2 Temas emergentes 45

6.2.1 Memória, reconhecimento urbano e continuidade 46

6.2.2 Guerra, trauma e marcas do deslocamento 52

6.2.3 Trabalho, família e estratégias de sobrevivência 58

7. Conclusões 62

Referências Bibliográficas 65

Anexos 71

Anexo A - Cronograma do projeto 71

Anexo B - Consentimento para fotografar pessoas retratadas 73

Anexo C - Consentimento para uso e publicação das imagens 74

Anexo D - Exposição de fotografias 75

Índice de figuras

Figura 1. Rota migratória do Mediterrâneo Oriental 16
Figura 2. Distribuição de refugiados na Turquia 18
Figura 3. Evolução demográfica e composição por género da população síria na Turquia (2011–2026) 19
Figura 4. As maiores cidades do mundo que receberam refugiados e requerentes de asilo em 2024 20
Figura 5. Fotografia da Khadija 46
Figura 6. Fotografia da Fatma 47
Figura 7. Fotografia da Lina 48
Figura 8. Fotografia da Jullanar 49
Figura 9. Fotografia da Khadija 50
Figura 10. Fotografia da Jullanar 51
Figura 11. Fotografia da Dayana 53
Figura 12. Fotografia da Dayana 54
Figura 13. Fotografia da Muna 55
Figura 14. Fotografia da Ayda 56
Figura 15. Fotografia da Muna 57
Figura 16. Fotografia de Kholoud 58
Figura 17. Fotografia da Dyana 59
Figura 18. Fotografia da Muna 60
Figura 19. Fotografia da Teyma 61

Índice de quadros

Quadro 1. Informações sociodemográficas das participantes 37

Glossário de siglas

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (*United Nations High Commissioner for Refugees – UNHCR*)

AFAD – Disaster and Emergency Management Authority

AKP – Partido da Justiça e Desenvolvimento

CE – Comissão Europeia

DGMM - Direção Geral de Gestão da Migração (Göç İdaresi Başkanlığı)

IA (Inteligência artificial)

IOM – Organização Internacional para as Migrações (*International Organization for Migration*)

OCHA – Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (*Office for the Coordination of Humanitarian Affairs*)

OIM – Organização Internacional para as Migrações

ONU – Organização das Nações Unidas (*United Nations*)

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte (*North Atlantic Treaty Organization - NATO)*

UE – União Europeia (*European Union*)

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância (*United Nations International Children's Emergency Fund ou United Nations Children's Fund*)

UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas (*United Nations Population Fund*)

Introdução

Da migração ao olhar etnográfico

Não poderia iniciar esta tese sem partilhar de que forma o meu percurso me conduziu até aqui. A minha história como aspirante a investigadora começou bem antes de compreender o significado dessa palavra. A minha caminhada, assemelha-se, em muitos sentidos, à de um migrante que caminha pelas encruzilhadas da vida e que, em algum momento, assim como eu, se apercebe de que o objetivo não está no fim do caminho, mas no seu percurso.

Nasci em Angola, quando as pessoas lutavam para sobreviver num país que dava os primeiros passos como uma nação independente, mas que já mergulhava numa guerra civil que teria um impacto profundo na vida de milhões de pessoas. Com apenas oito dias de vida, a minha família fugiu para Lisboa de um conflito em que todos perderam alguma coisa: alguns a vida, outros a dignidade e outros a esperança. Durante a minha vida tive muitas outras casas em muitos outros lugares que, juntos, contribuíram para a construção da minha identidade. Em cada mudança, a experiência do lugar ensinava-me a ouvir, a observar e a compreender as diferenças.

Aos 23 anos, num momento de transição, mudei-me para o Brasil e São Paulo foi a cidade que me acolheu . Ingressei no curso de Biologia com ênfase em ecologia com o objetivo de explorar as florestas tropicais brasileiras e seus povos. Hoje, sei que foi nesse momento que, sem querer, senti o que seria um trabalho etnográfico, embora, novamente, sem ter a mínima ideia do que significava essa palavra.

No primeiro semestre da licenciatura, fiz o oposto dos meus planos: ao invés de observar árvores gigantes, animais exóticos e povos indígenas, manipulei beckers de vidro e bicos de Bunsen num laboratório, no Instituto Butantan. No entanto, eu sabia que aquilo era mais uma etapa do meu caminho. Durante quatro anos, fui de iniciante a pesquisadora e tive a oportunidade de conhecer as pessoas que verdadeiramente me ensinaram a incessante e voraz sede pelo conhecimento, bem como o olhar atento e observador de um investigador que, posteriormente, convergiu para um olhar fotográfico, a minha paixão até hoje. Foi também nesse país que amadureci, tornei-me mãe e onde aprendi a doar o meu tempo para ajudar aqueles que apenas precisam de uma mão para se levantarem e, assim como eu, terem a oportunidade de seguirem o seu próprio caminho.

Ao regressar a Lisboa, tive a certeza de que as minhas experiências anteriores estavam a preparar-me para este trabalho. Esta dissertação é uma tentativa de transformar as minhas

memórias em escuta, e o meu olhar em ferramenta de investigação. Ao adotar a metodologia do Photovoice, não pretendo apenas dar voz aos outros, mas também aprofundar o meu percurso interpessoal e atribuir um significado à experiência humana através da imagem, da palavra e da presença.

Objetivos da investigação e fundamentação metodológica

O presente estudo tem como objetivo principal explorar a experiência urbana de mulheres refugiadas sírias que vivem na cidade de Gaziantep, na Turquia, recorrendo a uma abordagem qualitativa e participativa. A investigação procura compreender de que modo estas mulheres experienciam processos de integração no contexto urbano e atribuem significado aos espaços que habitam após a deslocação forçada.

A escolha da Turquia como ambiente para o estudo justifica-se pelo facto de o país acolher, desde o início do conflito sírio em 2011, uma das maiores populações de refugiados sírios a nível mundial. Durante o auge da crise, chegaram a estar registados mais de 3,7 milhões de sírios sob protecção temporária neste país (UNHCR, 2024). Apesar da recente diminuição associada ao regresso de algumas famílias, após a queda do regime autoritário de Bashar al-Assad em dezembro de 2024, os números mantêm-se elevados, tendo sido registados, no final de 2025, um total de 2.347.756 sírios sob protecção temporária na Turquia, que continua a ser o principal país de acolhimento desta população Direção Geral de Gestão da Migração (Göç İdaresi Başkanlığı – DGMM, 2025). A maioria dos refugiados reside atualmente em comunidades de acolhimento inseridas em áreas urbanas, enfrentando desafios relacionados com o aumento do custo de vida, a sobrecarga dos serviços públicos e ainda uma forte dependência da assistência humanitária (3RP Partners, 2025).

A cidade de Gaziantep foi escolhida como local de investigação por constituir uma das principais cidades da Turquia de destino dos refugiados sírios, desde o início do conflito (DGMM, 2025). Trata-se de um espaço urbano onde diferentes formas de convivência, adaptação e transformação da vida quotidiana tornam-se particularmente visíveis. A proximidade geográfica, cultural e histórica com a cidade de Alepo contribui para que Gaziantep seja frequentemente reconhecida pelas populações sírias como um lugar de continuidade simbólica, ainda que marcado por desafios inerentes à deslocação forçada (Goularas et al., 2024; Haas, 2024).

Para responder ao objectivo deste estudo, foi adoptada a metodologia do Photovoice, uma abordagem participativa no âmbito da pesquisa qualitativa. Esta metodologia possibilitou que as próprios refugiadas documentassem e partilhassem as suas experiências por meio de imagens e relatos pessoais, que por si só, promoveram sessões de discussões e um diálogo crítico sobre as suas próprias realidades sociais suscetíveis de exclusão e estigmatização social.

O recurso a esta metodologia permitiu às refugiadas uma ferramenta expressiva, através da qual puderam retratar os desafios e as oportunidades encontradas no processo de adaptação ao ambiente urbano de Gaziantep. Devido à sua situação de vulnerabilidade, muitos refugiados encontram dificuldades para se expressar de modo confiante por meio de metodologias tradicionais de pesquisa, como por exemplo, entrevistas. O Photovoice, por sua vez, é uma abordagem mais sensível e inclusiva, que permitiu, no espaço de quatro semanas, a aproximação gradual e uma confiança recíproca, a fim de captar de modo mais autêntico e genuíno as vivências individuais das participantes deste projeto (Wang & Burris, 1997).

Apesar de existir bastante literatura sobre a utilização desta metodologia associada a migração forçada, persistem limitações que dificultam uma compreensão mais aprofundada das experiências vividas por estas populações em quadros humanitários. É imprescindível ter em consideração que, cada cenário é distinto, pelo que cada local apresenta as suas especificidades, tanto em termos das populações que chegam, como das que as acolhem (Catalani & Minkler, 2010; Cubero et al., 2024; Liebenberg, 2018). Para tal, o presente estudo procura contribuir para os principais debates atuais sobre migração forçada, com o propósito de oferecer uma análise situada da experiência urbana de mulheres refugiadas sírias em Gaziantep, o que permite articular de modo coerente os objetivos da investigação, as escolhas metodológicas e os dados empíricos.

1. Revisão da literatura

1.1 Enquadramento histórico e político da Turquia da era Otomana à atualidade

A relação entre migração, identidade e política na Turquia é complexa e de longa duração, tendo moldado profundamente a sociedade, a cultura e a nação turca. A história dos otomanos é fundamental para compreender a identidade turca e as dinâmicas migratórias contemporâneas, especialmente no que se refere ao período de declínio do império e transição para a República (Goularas et al., 2024, p. 12). Para compreender a Turquia tal como conhecemos hoje, profundamente marcada pelo periodo otomano, é necessário recuar no tempo e analisar o impacto do domínio imperial na configuração da Turquia moderna.

O declínio do Império Otomano e a subsequente fundação da República da Turquia resultaram numa profunda reconfiguração política, social e institucional na região. No decorrer dos séculos, o império foi gradualmente perdendo o dinamismo reformista que, em determinados momentos, o aproximara da modernidade europeia, permanecendo à margem das grandes transformações económicas, científicas e políticas que moldavam o Ocidente (Price, 2021, p. 63). Um marco inicial desta instabilidade interna foi a criação do sistema das capitulações, iniciado em 1536 durante o reinado de Solimão, que concedia privilégios fiscais, comerciais e jurídicos aos cidadãos europeus. Embora, traçado como uma estratégia diplomática, acabou por enfraquecer a autonomia do Império Otomano, contribuindo, a longo prazo, para uma crise estrutural e para o surgimento da República (Price, 2021, p. 64).

Neste cenário, surgiram tensões nacionalistas e conflitos regionais que culminaram em movimentos em larga escala, incluindo o fluxo populacional entre a Grécia e a Turquia. Os movimentos populacionais, caracterizados por deslocações involuntárias, alteraram significativamente a composição demográfica e cultural das regiões afetadas, contribuindo para a diversidade que caracteriza a atual Turquia (Goularas et al., 2024, p. 12). Subsequentemente, durante a Primeira Guerra Mundial, Mustafa Kemal, futuramente conhecido como Atatürk (o "Pai dos Turcos"), um oficial reconhecido pela sua competência militar e integridade política, destacou-se como líder da resistência contra a ocupação estrangeira (Zürcher, 2017, p. 156). O triunfo do movimento nacionalista culminou na assinatura do Tratado de Lausanne, em julho de 1923, que reconheceu internacionalmente a soberania da nova República da Turquia e pôs fim ao período imperial otomano. Este tratado redefiniu oficialmente as fronteiras do Estado e consolidou Ancara como nova capital, reforçando a proteção legal, a identidade nacional e a

mobilidade das populações dentro de um território soberano claramente delimitado (Zürcher, 2017, p. 163; Goularas et al., 2024, p. 13).

As primeiras reformas kemalistas incluíram a abolição do sultanato e do califado, bem como a proclamação da República. Paralelamente ao processo acelerado de modernização social, instaurou-se um regime autoritário com a promulgação da Lei sobre a Manutenção da Ordem, que conferia poderes absolutos ao Partido Republicano do Povo e restringia a oposição política (Zürcher, 2017, p. 177).

No quadro do pós-guerra, a Turquia aderiu à Organização das Nações Unidas (ONU) e aprofundou a sua aproximação ao Ocidente, culminando na entrada na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em 1952 (Zürcher, 2017, p. 210). Em 1963, o país assinou o Acordo de Associação com a Comunidade Económica Europeia (Hale, 2012, p. 251).

A política externa turca passou a delinear novos percursos com a chegada ao poder, em 2002, do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP), que anos mais tarde elegeria o atual Presidente da República, Recep Tayyip Erdoğan. A estratégia inicial assentava na instauração de relações pacíficas com os países vizinhos. Esta mudança assinala a transição da Turquia de uma política externa defensiva, um resquício de décadas após o colapso do Império Otomano, para uma abordagem mais proativa de aproximação e uma crença em resultados mutuamente benéficos (Hale, 2012, pp. 253-256).

A partir de 2010, após o domínio sobre as principais instituições do Estado, Erdoğan redefiniu a política externa turca. O país abandonou a sua tradicional postura de aceitação passiva da ordem internacional existente e passou a adotar uma política externa mais assertiva e nacionalista (Barkey, 2020). Esta reforma política, acompanhada pela crescente centralização do poder presidencial, é fundamental para se perceber as respostas da Turquia à crise dos refugiados sírios, que serão aprofundadas nas próximas secções.

1.2 Termos e conceitos fundamentais sobre migração e refúgio

Para melhor compreender este tema, é necessário definir claramente os fenómenos e os conceitos de migração, bem como dos direitos dos migrantes. A migração caracteriza-se por uma mobilidade geográfica que envolve uma "mudança da residência habitual" (entre 6 a 12 meses), que leva ao cruzamento de "fronteiras administrativas", independente do motivo principal dessa mudança. Outra distinção importante é a diferença de categoria de migrantes não forçados, que são predominantemente trabalhadores ou "mão de obra migrante", por razões

familiares, estudantes e empresários, e os migrantes forçados ou refugiados que são pessoas que se deslocam por enfrentarem algum tipo de violência ou perseguição no seu país de origem (Haas, 2024, p. 33).

Os níveis de migração internacional, ao contrário de falsas informações divulgadas, muitas vezes com intenções políticas, não estão super elevados, os níveis relativos ao número total têm se mantido estáveis em cerca de 3% da população mundial, ou seja, cerca de 97% da população mundial permanece em sua residência habitual (Haas, 2024, p. 34). Outro aspecto a considerar é que a maioria dos migrantes não se desloca por longas distâncias. Primeiro, porque não têm recursos suficientes; segundo, porque em muitos casos escolhem países com culturas, religiões e etnicidades semelhantes e por último, porque mantêm a esperança de regressar um dia ou de não perder o contacto com vizinhos e familiares (Haas, 2024, p. 41). Isso explica, em boa parte, o motivo pelo qual a Turquia acolhe um elevado número de refugiados provenientes dos países vizinhos, sobretudo sírios, e a significativa mobilização que atualmente observamos em relação ao regresso dessas pessoas às suas localidades de origem.

Para além da análise estrutural dos fluxos migratórios, é necessário compreender as categorias jurídicas que as definem, uma vez que estas especificações têm implicações diretas nas competências dos Estados e nas condições de proteção das pessoas deslocadas.

Na circunstância que envolve migrantes forçados, existe uma diferença importante entre requerentes de asilo e refugiados. Perceber e distinguir estes termos é indispensável para não diminuir a responsabilidade dos Estados e não atrasar o processo de pessoas que já estão fragilizadas pela sua condição humana. Um requerente de asilo é uma pessoa que apresentou um pedido de asilo ou que aguarda a determinação sobre o pedido de proteção internacional. Os Estados têm obrigação de deixar a pessoa requerente de asilo aceder ao país e por mais que às vezes não sejam reconhecidos como refugiados, necessitam analisar o pedido de maneira justa e rápida (ACNUR, 2023).

O termo “refugiado”, os seus direitos e as normas internacionais para sua proteção, foram reconhecidos internacionalmente pela Convenção das Nações Unidas sobre refugiados de 1951 e o protocolo de 1967. Um dos princípios fundamentais é a não repulsão (*non refoulement*), ou seja, que um refugiado não deve ser enviado de volta ao país onde enfrentou graves problemas referentes à sua vida e sua liberdade (UNHCR, 1967).

Segundo a definição adotada pelo Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) e registrada no Glossário de Termos Humanitários:

> Um refugiado é uma pessoa que, devido a um receio fundado de ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, ou por razões devidas a agressão externa, ocupação, dominação estrangeira ou eventos graves que podem perturbar a ordem pública numa parte ou na totalidade do seu país de origem ou de nacionalidade, é obrigado a abandonar o seu local de residência habitual para procurar refúgio fora do seu país de origem ou nacionalidade e não pode ou, devido a esse medo, não estar disposto a valer-se da proteção do seu país de origem ou nacionalidade (ReliefWeb, 2008).

Em dezembro de 1950, através de uma resolução da ONU e com sede em Genebra, foi criado o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), o qual tem o mandato jurídico de fornecer proteção internacional aos refugiados, procurar soluções para os seus problemas através do Estatuto de 1951 e facilitar a integração em novas comunidades de acolhimento (artigo 8º do Estatuto) (ACNUR, 1950).

Segundo relatório do *Committee on Migration, Refugees and Displaced Persons da Parliamentary Assembly of the Council of Europe* (2023), o termo "integração" identifica um processo dinâmico de adaptação mútua em que tanto os migrantes como as sociedades de acolhimento têm algumas responsabilidades no seu cumprimento. A integração é um investimento de longo prazo no capital humano. O objetivo final é a inclusão ou uma participação inclusiva de ambos os lados, o que implica que todos os membros da sociedade tenham a oportunidade de participar na vida social, cultural e política, incentivando um sentimento de união.

Conforme referido por Ager e Strang (2008) a integração deve ser compreendida de maneira a ultrapassar o acesso apenas a direitos e serviços, e realça o seu caráter complexo e multidimensional. No caso dos refugiados, cuja deslocação forçada é frequentemente marcada pela impossibilidade de regresso ao país de origem, a integração tende a ser mais prolongada. Os autores salientam que este processo envolve não apenas dimensões estruturais, mas também aspetos relacionais e sociais, como a participação, a construção de redes e a ligação aos quadro de acolhimento. Nesta perspetiva, a integração corresponde a um percurso progressivo, influenciado pelas condições sociais, institucionais e físicas em que os indivíduos estão inseridos (Ager & Strang, 2008).

Em suma, a migração, uma realidade inevitável no decorrer da história da humanidade, afeta profundamente o cenário cultural, as relações sociais e a perceção que os indivíduos migrantes têm de si próprios. Neste processo, os indivíduos estabelecem novas ligações com

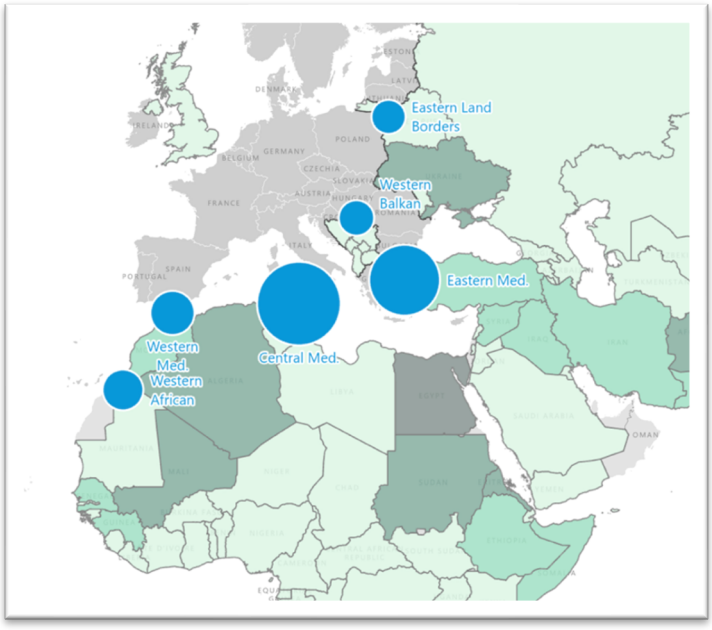
as suas origens, ao mesmo tempo que se envolvem com as normas e os valores da sociedade que os acolhe (Goularas et al., 2024, p. 16). Face a esta realidade, Appadurai (1996) sugere que a antropologia deve investir em teorias que tenham em conta a globalização e que desenvolvam novos métodos que expliquem esse fluxos culturais que, por conseguinte, afetam determinados lugares. O autor propõe a análise dos fluxos culturais em diferentes dimensões e utiliza o termo *ethnoscape* para definir a realidade social de pessoas em constante movimento que transformam o mundo atual e afetam as políticas das nações a um nível sem precedentes (Appadurai, 1996, pp. 33-48).

1.3 Contexto humanitário da migração na Turquia

Do ponto de vista geográfico, a Turquia ocupa uma posição estratégica da mobilidade humana daquela região, constituindo um ponto de passagem essencial para aqueles que procuram fugir de países caracterizados por instabilidade política, como a Síria, o Iraque, o Irão, a Arménia e a Geórgia, rumo a países mais estáveis e integrantes da União Europeia (Pries et al., 2024). A posição central da Turquia é evidenciada pelas principais rotas migratórias que atravessam o seu território no que se designa por Rota do Mediterrâneo Oriental (ver Figura 1), conforme representado no mapa oficial de rotas migratórias da Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira da Frontex (2024).

Figura 1. ***Rota migratória do Mediterrâneo Oriental***

Principais rotas migratórias em direção à União Europeia, com destaque para a Rota do Mediterrâneo Oriental



Fonte: Adaptado de *Migratory routes map - Eastern Mediterranean Route*, Frontex 2024. https://www.frontex.europa.eu/along-eu-borders/migratory-map/

Uma grave crise humanitária que afetou esta região teve início em 2011, com diversos protestos na Tunísia, Líbia e Egito, designados como Primavera Árabe, que subsequentemente se expandiram para a Síria. Os protestos foram violentamente reprimidos pelo regime local, o que resultou no início de uma guerra civil e na fuga de milhões de pessoas (Portugal com ACNUR, 2024).

A Turquia exibe uma diversidade de formas de migração, como a migração de trânsito, a migração forçada de curto prazo e a migração de longo prazo, o que requer estudos específicos para se poder compreender mais adequadamente cada grupo (Pries et al., 2024).

Desde outubro de 2011, a Turquia implementou um regime de proteção temporária como resposta ao afluxo maciço de pessoas forçadas a abandonar a Síria em decorrência do conflito armado. O enquadramento jurídico deste regime foi posteriormente formalizado pelo artigo 91.º da Lei sobre Estrangeiros e Proteção Internacional, de 2013, e pelo Regulamento n.º 29153 sobre Proteção Temporária, que estabelecem como elegíveis os estrangeiros que, tendo sido forçados a deixar o seu país e impossibilitados de regressar, atravessaram as fronteiras da Turquia, de forma massiva ou individual, sem acesso aos procedimentos de determinação do estatuto de proteção internacional (Ineli-Ciger, 2014, pp. 29–31).

Em novembro de 2015, a Comissão Europeia (CE) estabeleceu um acordo de cooperação com a Turquia para intensificar a gestão conjunta da crise dos refugiados sírios. Este Plano de Ação Conjunto, foi aprofundada com a Declaração UE–Turquia de março de 2016, através da qual a União Europeia (UE) se comprometeu a disponibilizar seis mil milhões de euros à Turquia, destinados a projetos humanitários nas áreas da educação, saúde, infraestruturas municipais e apoio socioeconómico (Enoque Viana de Oliveira, 2018, p. 73).

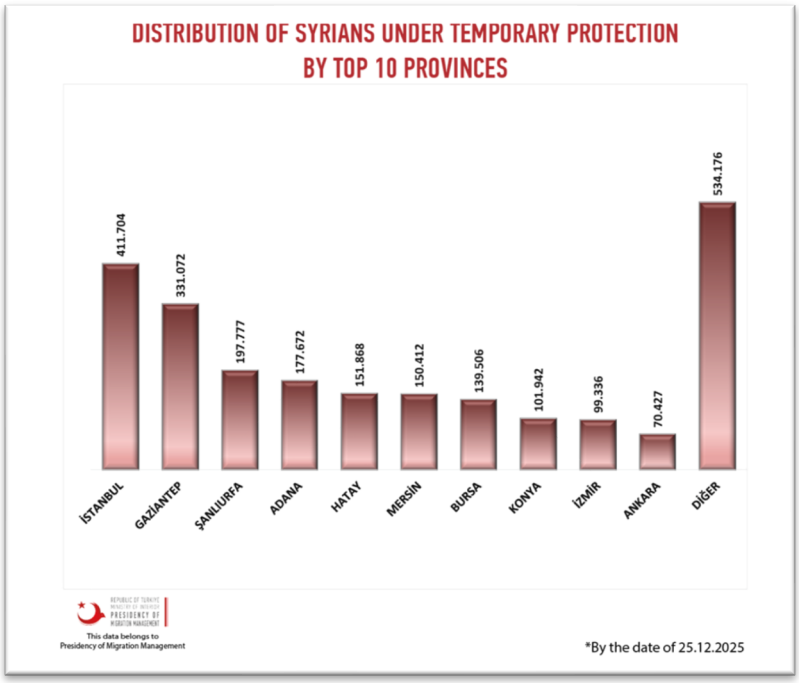
Segundo o Conselho da União Europeia (2016), a Declaração de 2016 entre a UE e a Turquia estabeleceu esta cooperação através do mecanismo de retorno e reassentamento. Por cada refugiado sírio devolvido da Grécia para a Turquia, outro seria reassentado da Turquia para um Estado-membro da União Europeia (mecanismo "one-for-one"). O acordo inclui ainda o compromisso político de liberalizar os vistos para os cidadãos turcos, condicionado ao cumprimento de critérios técnicos e legais definidos pela UE.

De acordo com o relatório mais recente publicado pela ACNUR, a Turquia continua entre os país que acolhem o maior número de refugiados a nível mundial. Os dados oficiais demonstram que, no final de 2025, o número de cidados sírios sob proteção temporária atingiu

os 2,3 milhões, o que reflete uma diminuição significativa após mais de 600.000 sírios regressarem voluntariamente à Síria (UNHCR, 2025). Esta tendência de regresso voluntário intensificou-se após a queda do regime autoritário de Bashar al-Assad em dezembro de 2024.

No entanto, uma pesquisa de opinião da comunidade realizado pelo ACNUR em fevereiro de 2025 revelou que cerca de metade dos refugiados expressaram a intenção de regressar à Síria apenas quando as condições o permitirem, o que demonstra que uma proporção significativa tem intenções de permanecer na Turquia a médio ou longo prazo (UNHCR, 2025). Alem disso, a Turquia acolhe também aproximadamente 166.000 refugiados e requerentes de asilo provenientes do Iraque, Afeganistão, Irão e outros países sob regime de proteção internacional (UNHCR, 2025).

Figura 2. ***Distribuição de refugiados na Turquia***



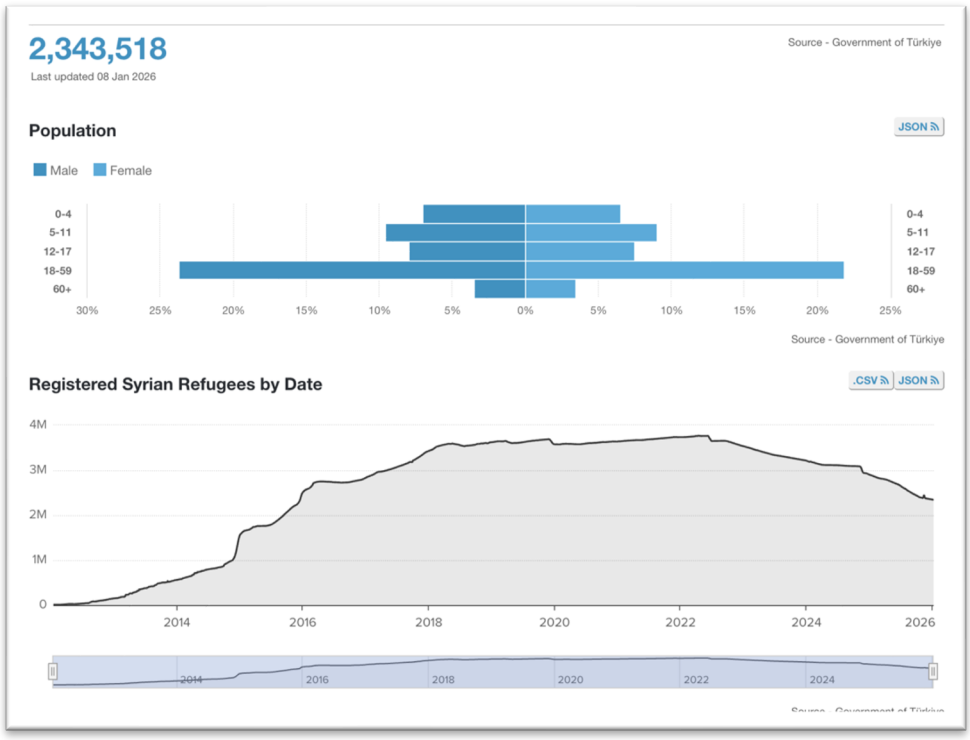
Fonte: Retirado de Direção Geral de Gestão da Migração (DGMM, 2025)

Atualmente, de acordo com dados oficiais da Direção Geral de Gestão da Migração (DGMM, 2025) a cidade de Gaziantep abriga 332.072 sírios sob proteção temporária, sendo o segundo maior contingente do país, atrás apenas de Istambul (441.704). Em comparação, outras cidades como Şanlıurfa (197.777), Adana (177.672) e Hatay (151.868) registaram números significativamente inferiores. Esse dado evidência o papel central de Gaziantep na resposta humanitária à crise síria. Tendo em conta que a população total de Gaziantep foi estimada em 2.193.363 habitantes (TÜİK, 2025), os refugiados sírios (332.072) representam

aproximadamente 15,1% da população da cidade, o que demonstra o impacto demográfico significativo desta população no contexto urbano.

A seguir analizamos a evolução demográfica da população síria na Turquia, com especial atenção à sua composição por género, dimensão relevante para um estudo focado nas experiências de mulheres refugiadas.

Figura 3. ***Evolução demográfica e composição por género da população síria na Turquia (2011–2026)***



Fonte: Dados do ACNUR, *Syria Regional Refugee Response*, Turquia, 2026. https://data.unhcr.org/en/situations/syria/location/113

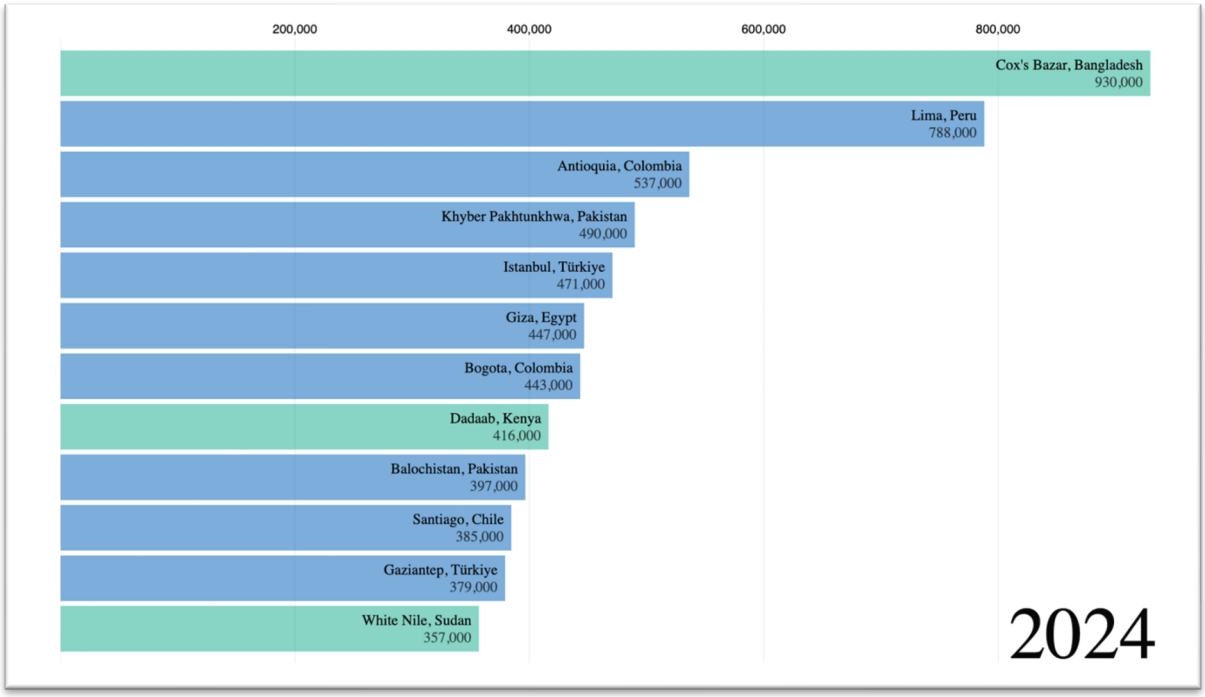
A Figura 3 apresenta, por um lado, a estrutura demográfica atual da população refugiada síria na Turquia em janeiro de 2026, com informação separada por género e faixa etária, e por outro, a evolução do número de refugiados registados entre 2013 e janeiro de 2026. A distribuição demográfica mostra uma população em grande parte jovem, com prevalência do grupo etário dos 18 aos 59 anos e uma composição equilibrada entre homens e mulheres, seguida pelas faixas etárias mais jovens (de 0 a 17 anos). O gráfico cronológico demonstra um aumento considerável do número de refugiados até 2018 e 2019, seguido de um período mais estável e decréscimo gradual a partir de 2022.

1.4 Situação dos refugiados na cidade de Gaziantep

Na questão relacionada ao recebimento de refugiados na Turquia, descrita no capítulo anterior, Gaziantep destaca-se como um lugar de acolhimento marcado por um elevado número de refugiados sírios integrados na cidade, tanto a nível nacional quanto internacional.

Gaziantep localiza-se no sudeste do país, junto á fronteira com a Síria, e devido a essa posição geográfica passou a ser um dos principais destinos desde o início da guerra na Síria em 2011.

Figura 4. ***As maiores cidades do mundo que receberam refugiados e requerentes de asilo em 2024***



Fonte: Retirado de Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), *Refugees in the largest places* (2024), (https://www.unhcr.org/refugee-statistics/insights/explainers/refugees-largest-places.html.)

Segundo ACNUR (2024), Gaziantep encontra-se entre as principais cidades do mundo em número total de refugiados recebidos, o que representa uma importante área urbana global que recebe populações deslocadas em grande escala (ACNUR, 2024). Conforme mostra a figura 3, em 2024, a cidade de Gaziantep registava cerca de 379.000 refugiados, o que significa que está no mesmo patamar de outras grandes cidades a nível mundial.

A relevância de Gaziantep insere-se numa tendência global em que 61% dos refugiados do mundo e aproximadamente dois terços dos deslocados internos residem no meio urbano.

Esse processo de urbanização tem vindo a aumentar o envolvimente de diferentes atores na assistência prestada á população de refugiados, principalmente governos municipais, sociedade civil e ONGs locais e internacionais. Este fenômeno enfrenta grandes desafios relacionados, nomeadamente à falta de financiamentos e de connhecimento adequado das necessidades urbanas dessas populações (Easton-Calabria, 2020, p. 2).

Embora não existam dados oficiais sobre a composição étnica das províncias turcas, a literatura indica que a região sudeste da Turquia, onde se insere Gaziantep, é historicamente marcada por uma elevada diversidade étnica, linguística e cultural. Para além da população síria sob proteção temporária, a cidade é também composta por outras comunidades, nomeadamente populações curdas, árabes e outras minorias (Kurban, 2007, Aktoprak, 2024). Estudos sobre minorias na Turquia demonstram que estas comunidades enfrentam discriminação estrutural e dificuldades no acesso a direitos e serviços (Aktoprak, 2024). Embora estas comunidades não constituam o foco analítico deste estudo, importa reconhecê-las como parte integrante do contexto urbano em que vivem as mulheres refugiadas sírias participantes, o que contribui para a complexidade social e relacional do território em análise.

Em contraste a outras realidades baseados em campos contruídos especialmente para o abrigo de refugiados, Gaziantep é reconhecida como um exemplo de integração e acolhimento dos seus refugiados, predominantemente numa zona urbana, o que quer dizer que os refugiados estão dispersos por diferentes bairros da cidade. Em 2016, foi criada a primeira Diretoria de Assuntos Migratórios, responsável por políticas locais de integração, com enfoque no acesso à educação, saúde, emprego, serviços sociais e apoio humanitário. A cidade de Gaziantep foi pioneira neste assunto, estabelecendo-se como um modelo a seguir por outras cidades turcas (Easton-Calabria, 2020, p. 17 e 18).

Para além da importância como uma cidade de referência no acolhimento de refugiados, em 6 de fevereiro de 2023, Gaziantep foi profundamente afetada por dois terramotos com magnitudes de 7,7 e 7,6 na escala de Richter. Estes eventos tiveram um grande impacto sobre a população refugiada síria, que já se encontrava em situação de vulnerabilidade devido ao conflito no país de origem. As regiões afetadas acolhiam nessa altura, aproximadamente 1,7 milhões de refugiados sírios, sendo Gaziantep a cidade com o maior contingente, estimado em cerca de 445.000 pessoas (Nasır et al., 2025). Como referido por Nasır et al. (2025), o terramoto agravou de modo significativo as dificuldades económicas, sociais e psicológicas enfrentadas pela população de refugiados, o que deu origem à perda de habitação, a destruição de locais de trabalho, o aumento do desemprego e de experiências de discriminação e exclusão social.

Neste cenário, marcado por processos de integração urbana e por uma transformação profunda causada pelo terramoto de 2023, a análise qualitativa por meio da metodologia do Photovoice assume uma importância significativa. Como destaca Ager e Strang (2008), a integração deve ser compreendida mais profundamente e não apenas ao acesso a direitos e serviços, pois isto envolve dimensões mais complexas a nível relacional e social que requer uma análise mais localizada no ambiente de acolhimento. As cidades constituem espaços privilegiados para esta análise, pois é aí que os refugiados vivem, trabalham, acedem a serviços e interagem com as comunidades locais, o que torna a zona urbana de extrema importância para podermos compreender processos de inclusão, participação e coesão social.

1.5 Mulheres refugiadas sírias no espaço urbano da Turquia

Segundo dados oficiais do *Regional Refugee and Resilience Plan* (3RP) de 2023, aproximadamente 46% da população síria sob proteção temporária na Turquia são mulheres e meninas, sendo que cerca de metade são menores de 18 anos (3RP, 2023, p. 10). Embora não existam dados recentes separados por género e relacionados especificamente à cidade de Gaziantep, um estudo de 2014 da *Disaster and Emergency Management Authority* (AFAD) mostrou que aproximadamente 50% dos refugiados sírios em Gaziantep eram mulheres (KADEM & Mozaik Women Association, n.d.), deste modo, confirma que a proporção mantém-se muito parecida com a previamente observada a nível nacional.

A crise humanitária síria na Turquia evidencia que mulheres são afetadas em grande desproporção em relação aos homens, pois enfrentam vulnerabilidades específicas tanto durante o deslocamento quanto no processo de integração urbana. Segundo AFAD, uma das principais instituições oficiais que lida com refugiados sírios na Turquia, quase um terço dos agregados familiares de refugiados sírios na Turquia são chefiados por mulheres ou crianças, sendo que 80% das mulheres refugiadas sírias no ambiente urbano vivem em situação de pobreza (AFAD, citado em Freedman et al., 2017, p. 4). Esta precariedade económica agrava-se ainda mais devido aos cortes de financiamento humanitário registados em 2025, a qual forçaram a redução de serviços essenciais e o despedimento de inúmeros intérpretes e assistentes sociais, que resultaram em uma enorme dificuldade de acesso a apoio por parte dos refugiados (UNHCR, 2025).

A violência de género constitui uma dimensão crítica da experiência das mulheres refugiadas sírias. Em 2025, o acesso a serviços de saúde governamentais sofreu um

agravamento das restrições, com alterações na prestação de cuidados, percursos de atendimento mais restritos e custos adicionais que condicionam o acesso, especialmente para pessoas com condições crónicas, crianças e sobreviventes de violência de género. Ainda, á medida que a vulnerabilidade aumenta, mais agregados familiares recorrem a a estratégias de sobrevivência negativas, tais como o trabalho infantil, casamentos precoces, o endividamento e, para alguns, decisões de regresso prematuras e sem condições adequadas (UNHCR, 2025).

Para além disso, muitas mulheres não reportam violência por receio de estigmatização ou de serem forçadas a regressar à Síria pelos seus maridos, medo este estruturado num quadro jurídico sírio vigente antes do conflito, que proibia as mulheres casadas de viajar sem autorização masculina (Charles & Denman, 2013, citados em Freedman et al., 2017, p. 4). Compreender as dinâmicas complexas de vulnerabilidade e a capacidade de ação é essencial para analisar as experiências de integração urbana das mulheres refugiadas sírias em Gaziantep, que constitui o objetivo central deste estudo.

1.6 Fotografia nas ciências sociais e humanas

Atualmente, a comunidade científica alcançou um consenso de que a representação visual não se limita a meras ilustrações complementares a textos escritos, mas que permite uma compreensão profunda e complexa das qualidades subtis que podem ser ignoradas da vida social (Spencer, 2022, p. 1).

Elizabeth Edwards (como citado em Pink, 2020, p. 86) definiu a fotografia na antropologia como "qualquer fotografia a partir da qual um antropólogo possa obter informações visuais úteis e significativas". Ou seja, a fotografia, torna-se um instrumento para a antropologia não por seu conteúdo intrínseco, mas por ser apropriada e analisada por alguém. Outros autores propõem diferente e concordam que a fotografia está menos associada à imagem socialmente construída e mais às circusntâncias relacionadas à sua visualização (Howard Becker como citado em Pink, 2020, p. 86; Rose, 2022, p. 323).

Stuart Hall (como citado em Rose, 2022) argumenta que a cultura não é um processo de objetos culturais separados como a pintura e a fotografia, mas um um conjunto de práticas. Portanto, está essencialmente relacionada com a produção e a troca de significados, o "dar e receber de significado" entre os membros de um grupo ou uma sociedade. Assim, o elemento visual é imprescindível para a construção cultural da vida nas sociedades contemporâneas (Rose, 2022, p.17)

Do mesmo modo, os métodos visuais encontram-se intrínsecos à expressão humana a qual antecede a linguagem e tem uma influência importante sobre as emoções, a identidade, as memórias e as aspirações humanas. Esta conexão possibilita uma exploração mais profunda e uma nova percepção sobre o quotidiano (Spencer, 2022, p. 2).

De certa forma, a fotografia pode ser um ponto de partida para uma pesquisa, ao suscitar a reflexão sobre aspectos relacionados à experiência, atividades, ambiente e imaginação que não podem ser articulados verbalmente e são essenciais à vida (Pink, 2020, pp. 83, 93).

Spencer (2022) desenvolveu um modelo integrado de entendimento sobre como o uso da imagem é construído, filtrado e interpretado nas ciências sociais, a partir da apropriação crítica das principais teorias existentes. O autor propõe três dimensões analítica e interligadas: semiosfera (sistema de símbolos culturais que estruturam significados), a midiasfera (repostório de imagens previamente vistas que influenciam expectativas visuais) e o imaginário (memórias, pessoais e emoções coletivas que influenciam a perceção). Estes filtros e códigos demonstram que ver imagens nunca é um processo neutro ou universal, mas um fenómeno mediado por variáveis sociais, culturais e identitárias específicas a cada situação.

Em consequência, o recurso a métodos visuais específicos deve ser desenvolvido de modo criativo e personalizado em projetos individuais, de modo a garantir a eficácia e relevância dos resultados em projetos futuros. Estes poderão servir de suporte, ou mesmo de ponto de contraste, a partir do qual novas práticas poderão ser desenvolvidas (Pink, 2020, p.15).

1.7 Metodologia do Photovoice: conceitos, percurso histórico e aplicações

Os métodos de investigação participativa estão bem definidos no âmbito das ciências sociais e caracterizam-se por projetos onde as pessoas que participam estão envolvidos ativamente nas etapas de planejamento, execução, análise e demonstração de resultados. O Photovoice configura-se como um método de fotografia participativa (Rose, 2022, p. 349).

A metodologia em questão, mediante a abordagem participativa, apresenta-se como uma inovação no domínio da investigação qualitativa. Esta situação deve-se sobretudo á conjugação da fotografia com o diálogo crítico, num processo de troca de conhecimentos e experiências, com vista a documentar realidades sociais marginalizadas e a promover mudanças estruturais (Wang & Burris, 1997).

A referida metodologia foi difundida inicialmente por Caroline Wang e Mary Ann Burris na década de 1990 e baseia-se em três fontes principais, a teoria da educação para a

consciência crítica de Paulo Freire[1], que entende os indivíduos como produtores de conhecimento a partir das suas próprias experiências e da reflexão crítica sobre a realidadas, as teorias feministas que deram mais visibilidade às mulheres na investigação participativa[2] e, por fim, na fotografia documental retratada por diversos fotógrafos renomados da época, que ajudaram a promover classes mais desfavorecidas e a documentar assuntos de interesse nacional. Freire (1973, como citado em Wang & Burris, 1997) destaca que as imagens podem atuar como um instrumento para desafiar narrativas dominantes e influenciar políticas públicas. Esta abordagem inova na forma de representação das problemáticas sociais, ao capacitar os próprios indivíduos dessas comunidades a identificar e documentar visualmente os desafios enfrentados, o que promove um discurso mais autêntico e participativo na construção do conhecimento e na mobilização para a mudança social. Independentemente das competências de literacia, a utilização de uma máquina fotográfica pode ser uma ferramenta de empoderamento para mulheres, trabalhadores, crianças, idosos ou pessoas com deficiências (Wang & Burris, 1997).

Caroline Wang e Mary Ann Burris continuam a ser uma referência importante neste campo. De acordo com Wang & Burris (1997), a metodologia do Photovoice estrutura-se em três objetivos principais: registar e representar realidades comunitárias a partir da perspetiva dos participantes, promover diálogos críticos sobre questões sociais por meio da reflexão sobre as imagens captadas e utilizar a fotografia como ferramenta de advocacia e transformação social a fim de alcançar formuladores de políticas públicas. Os estudos demonstram que apenas os projetos que registaram um maior nível de participação apresentaram uma tendência para alcançar os três objetivos estabelecidos (Catalani & Minkler, 2010, p. 448).

O estudo pioneiro a utilizar o Photovoice como metodologia de pesquisa qualitativa de avaliação participativa, foi conduzido por Wang, et al., (1996), tendo explorado o uso da fotografia por mulheres rurais na China como uma ferramenta para expressar desafios relacionados com as necessidades de saúde reprodutiva e desenvolver o conhecimento comunitário. Em síntese, no que diz respeito ao ensino destinado ao empoderamento, a intenção é transformar a autoimagem das integrantes, ou seja, passar do estatuto de objetos da política para o de intervenientes na esfera política (Wang et al., 1996, pp. 1391, 1392). Contudo, esta última questão suscitou alguns desafios e o estudo demonstrou que este método pode facultar as mulheres do meio rural à interação com os responsáveis políticos, embora não lhes conferiu

[1] Para uma explicação mais detalhada da educação para a consciência crítica, ver Freire (1970)
[2] Para consultar as teorias feministas na investigação participativa, ver Maguire (1987)

o poder de deliberar sobre as políticas. Além disso, a sustentabilidade emerge como um critério crucial para avaliar o êxito de uma política de desenvolvimento. Contudo, não foi possível avaliar se as três decisões políticas influenciadas pelo estudo se tornarão permanentes (Wang et al., 1996, p. 1397).

A maioria dos trabalhos realizados não discute ou avalia adequadamente os impactos desta metodologia, no âmbito político (Catalani & Minkler, 2010, p. 444). Existe um risco real de os investigadores criarem falsas expectativas ou fazerem promessas irrealistas que não possam ser cumpridas na extensão e na prática da investigação. Uma comunicação transparente dos objetivos é essencial para que o investigador e os membros da comunidade possam alinhar as suas ideias sobre as expectativas de mudança social e política (Johnston, 2016, pp. 8, 10). O conceito mais importante deste método é o de se apresentar como uma ferramenta com o potencial de influenciar políticas. Tal resultado não ocorre por acaso, mas sim porque este processo é cuidadosamente planeado mediante o intercâmbio e da interação entre as comunidades e os decisores políticos ou intermediários, num diálogo com pessoas da comunidade que utilizam as imagens como forma de comunicação (Ann Liebert & Wang, 1999).

No seguimento das investigações de Wang et al. (1998) e com o propósito de confrontar as reivindicações do meio científico acerca da eficácia desta metodologia, enquanto método de avaliação participativa, foi realizada uma extensa investigação de caso, na qual contaram com a participação de três grupos distintos: detentores de maior poder, tais como investigadores, universitários e formuladores de políticas; detentores de menor poder, como mulheres rurais; e o último grupo, elementos em geral. Foi possível verificar que, apesar da heterogeneidade, os grupos apresentam necessidades e competências distintas, que se complementam, e maximizam a eficiência. Assim, os autores reconheceram que, para além do registo e da análise das imagens, os integrantes contribuíram limitadamente para a conceptualização, o planeamento e a divulgação do projeto, o que já tinham identificado previamente, como essencial para o sucesso dos projetos que utilizam esta metodologia participativa (Wang et al., 1998, p. w85).

Numa outra abordagem, em resposta à crescente disseminação da metodologia e das discussões éticas associadas a este método, Wang e Redwood-Jones publicaram, em 2001, um estudo adicional que focou nas questões éticas e legais relacionadas com a utilização de imagens, nomeadamente a potencial invasão de privacidade e estratégias de mitigação dos riscos correspondentes. Com base nas leis de direitos morais dos Estados Unidos da América,

os investigadores estabeleceram um sistema de consentimento em três níveis: um primeiro termo para os participantes, um segundo para a autorização das pessoas fotografadas e um terceiro para a publicação das imagens após análise. Foi ainda introduzida uma formação inicial, que lhes permitiu compreender o potencial da câmara e a ética na utilização das imagens (Wang & Redwood-Jones, 2001, pp. 563, 564).

No caso da participação de jovens em projetos que utilizam esta metodologia, são levantadas questões éticas específicas. A vulnerabilidade dos jovens, nomeadamente via sua potencial tendência para minimizar os riscos ou as consequências adversas das imagens incriminatórias, bem como a tendência para uma exposição inadequada na internet, torna-se crucial a obtenção de assinaturas de consentimento a outros níveis, como dos pais ou tutores se o fotógrafo for menor de idade (Wang, 2006, pp. 157, 158).

Em 2004, Wang et al. testaram a metodologia num contexto urbano, tendo utilizado a abordagem para documentar as percepções sobre violência comunitária e segurança pública na cidade de Flint, Michigan. Um dos aspectos inovadores deste projeto foi incluir formuladores de políticas entre os integrantes, o que reforçou a ligação entre as imagens produzidas e as decisões políticas. Outra estratégia utilizada foi a aplicação do mnemónico *"SHOWeD"*, uma ferramenta que incentiva os intervenientes a refletirem criticamente e estruturada sobre as imagens captadas. O acrônimo representa cinco questões que orientam essa análise: *What do you **S**ee here?", What is really **H**appening?"*, *How does this relate to **O**ur lives?"*, *"Why does this problem or strength **e**xist?"* e *"What can we **D**o about it?"* (Wang et al., 2004, p. 912). Esta abordagem fomenta um processo reflexivo que possibilita uma exploração mais aprofundada das suas experiências visuais, relacionando-as com questões sociais e coletivas, e a elaboração de estratégias para as melhorarem (Wang et al., 2004, p. 912; Capous-Desyllas & Bromfield, 2018, p. 3).

O Photovoice apresenta-se como uma metodologia participativa que se distingue das abordagens tradicionais, na medida em que requer uma reformulação do paradigma de análise de dados (Wang & Pies, 2004, p. 101). O processo de análise participativa dos dados foi organizado em três fases. A primeira fase consistiu na "seleção" de fotografias que refletissem, mais precisamente, as preocupações dos participantes. A segunda fase, denominada "contextualização", foi de grande relevância para a compreensão das histórias à cerca do significado dos registos visuais. A terceira e última fase, "codificação", corresponde ao momento em que as pessoas tiveram a possibilidade analítica de identificar três dimensões

distintas provenientes do processo de diálogo, nomeadamente "questões", "temas" e "teoria" (Wang et al., 1998, p. 80; Wang & Pies, 2004, pp. 100, 101).

De facto, o propósito de "dar voz aos participantes" não é alcançado pelo método em si, ou seja, a utilização de imagens em entrevistas de elicitação e a apresentação de imagens numa exposição, mas sim a aplicação intencional e ponderada do método na sua globalidade que efetivamente confere voz e os torna co-investigadores. Torna-se, por conseguinte, imprescindível que as pessoas que participam, estejam envolvidos integralmente em todas as etapas do projeto (Liebenberg, 2018, p. 6).

O desenho metodológico deve considerar a interseccionalidade dos que participam, de maneira a ultrapassar as barreiras à participação. Ao ser implementado junto das populações migrantes e refugiadas, é importante estabelecer redes comunitárias por intermédio de parcerias com organizações não governamentais, organizações comunitárias, ambientes educativos, organizações religiosas ou instituições governamentais. (Cubero et al., 2024, p. 14). Contudo, ao abordar o fenómeno migratório, é imprescindível reconhecer que determinados grupos enfrentam desafios acrescidos, nos quais a situação de vulnerabilidade é agravada pela a interseccionalidade entre deficiência, migração e género no processo de integração (Hultman et al., 2023, p. 24).

Atualmente, a questão mais relevante enfrentada pelos estudos sobre o Photovoice é a de como promover o envolvimento dos decisores políticos no processo de mobilização de conhecimento. Adicionalmente, é necessário estudar e avaliar o impacto deste envolvimento e o seu efeito subsequente nos em diferentes realidades sociais e na mudança da mesma (Liebenberg, 2018, p. 6).

Outra limitação associada à aplicação deste método, refere-se ao tempo e recursos necessários para que seja implementada numa comunidade (Brown, 2024, p.11).

Diante das lacunas identificadas na literatura, é imperativo aprofundar a compreensão sobre as experiências das pessoas em relação à evacuação forçada do país de origem, não apenas quanto à capacidade de acesso aos espaços físicos na chegada aos países de acolhimento, mas explorar questões de identidade, relações sociais e estigmatização. O tempo e recursos necessários à realização das pesquisas, são otimizados quando o estudo conta com o apoio de organizações locais que já estão envolvidas e atuam com as comunidades locais.

Neste intuito, o presente estudo visa responder à necessidade de investigações mais abrangentes, utilizando a metodologia do Photovoice como uma ferramenta que amplifica as vozes de pessoas que vivem em situação de refúgio na cidade de Gaziantep. Este estudo

também analisa como as suas narrativas podem influenciar e serem influenciadas pelas políticas de integração implementadas na Turquia. Para tal, contou com o valioso apoio da organização local, SENED, que está amplamente envolvida em projetos com as comunidades locais de refugiados.

2. Pergunta de investigação

Em concordância com as pesquisas realizadas, o presente estudo tem como ponto de partida uma pergunta de investigação, que orienta o enquadramento teórico, metodológico e analítico deste projeto. Esta questão pretende compreender os processos de integração e transformação na cidade de acolhimento, com base na experiência vivida por pessoas refugiadas em centros urbanos.

Neste projeto, a questão que se pretende responder é: de que modo as mulheres refugiadas sírias que residem em contexto urbano, na cidade de Gaziantep, vivenciam os processos de integração e reconfiguram o espaço urbano após a deslocação forçada?

No seguimemto da abordagem participativa adotada, em nenhum momento a pergunta de investigação foi apresentada às mulheres sírias como um guião para orientar o trabalho de campo. Pelo contrário, o estudo foi estruturado de modo a privilegiar a produção de relatos e significados a partir das experiências quotidianas das mesmas, através da criação de imagens que incitaram a reflexão coletiva. As questões levantadas durante os grupos de reflexão, funcionam como um ponto de partida baseado na experiência individual de cada participante, que contribui para a consolidação empírica da questão de investigação central.

Paralelamente, a minha função como facilitadora não consiste em substituir a pergunta de investigação pelas perguntas dos participantes, mas sim em conceber um espaço de confiança no qual as vozes das mulheres refugiadas possam evidenciar dimensões concretas da integração urbana. As narrativas visuais e verbais produzidas durante o processo, alimentam e aprofundam a questão da investigação principal, o que permite analisá-la a partir de múltiplas perspetivas, tais como a individual, a relacional e a urbana.

A centralidade da investigação na experiências desta pessoas justifica-se pela necessidade de conferir visibilidade e perspetivas frequentemente marginalizadas nos estudos sobre migração forçada. As mulheres refugiadas enfrentam desafios específicos acrescidos relacionados com as questões de género, a mobilidade restrita e por vezes o acesso limitado a recursos e espaços públicos. Além disso, os métodos convencionais de investigação podem inibir a expressão de pessoas em situação de vulnerabilidade, o que dificulta o acesso às suas reais experiências. Esta metodologia, ao valorizar a produção de imagens e histórias individuais num ambiente de maior confiança, permite superar estas barreiras e criar condições para que as vozes destas mulheres se manifestem de modo mais autêntico.

3. SENED a Organização parceira no terreno

A SENED é uma organização não governamental sem fins lucrativos, fundada em 2013, que iniciou a sua atividade na Turquia, onde estabeleceu sede nas cidades de Gaziantep, Şanlıurfa, Mardin, Malatya, Kilis, Adana, K.Maraş e Osmaniye (SENED Organization, 2024). A sua criação esteve diretamente associada à crise humanitária associada ao conflito da Síria, que envolveu tanto deslocados internos como populações refugiadas em território turco.

Posteriormente, os projetos foram alargados a diversas cidades na Síria, nomeadamente Aleppo, Kafar Takharim, Idlib, Kafr Yahmul, Darkush, Jindires e Azaz.

A visão institucional da organização é criar impacto positivo e duradouro, nomeadamente em pessoas com deficiência, promovendo inclusão social, coesão comunitária e empoderamento, especialmente em meios afetados por conflitos armados e desastres naturais.

O termo "*Sened*", de origem árabe, significa "apoio", valor este que é concretizado por sua equipa constituída por doadores, voluntários e funcionários, que desempenham um papel de extrema importancia no compromisso institucional da organização com pessoas em situação de vulnerabilidade. Para esse efeito, a organização estabeleceu parcerias com entidades internacionais de renome, tais como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF**),** a Organização Internacional para as Migrações (OIM)**,** a *Save the Children***,** o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e o OCHA, entre outras, com a missão de implementar projetos humanitários em diversas áreas de atuação. A ênfase é atribuída à promoção dos direitos, inclusão e integração de pessoas com deficiência nas comunidades locais, tanto de refugiados como de populações locais, que constitui uma das principais características do seu trabalho. Essa missão institucional fundamenta a escolha da SENED como parceira deste projeto, uma vez que esta investigação busca compreender, a partir de uma abordagem participativa, as dinâmicas de integração, sentimento de pertença e visibilidade de refugiados urbanos num ambiente caracterizado pela diversidade e vulnerabilidade. O alinhamento entre os objetivos da minha pesquisa que visam dar voz aos refugiados e explorar estratégias de inclusão social, e o compromisso da Organização com a promoção de direitos, inclusão e proteção social, fazem desta organização uma parceira ideal para o desenvolvimento deste projeto em campo.

Os projetos implementados pela SENED em 2024, beneficiaram mais de 125.000 pessoas, onde as principais áreas de atuação na Turquia incluíram cidades como Gaziantep que forneceu assistência a aproximadamente 42.238 indivíduos e Hatay que também forneceu

assistência a aproximadamente 18.485 pessoas vulneráveis. Segundo dados estatísticos obtidos do relatório anual de 2024 (SENED Organization, 2024), o orçamento financeiro da organização no ano de 2024 foi de aproximadamente 7 milhões de dólares, destinados a projetos distribuídos entre oito setores humanitários principais, cada um com papéis e objetivos específicos para responder às necessidades das populações vulneráveis. O setor que recebeu o maior montante de financiamento foi o setor de emergência, com um valor superior a 2,5 milhões de dólares, destinados ao fornecimento de abrigo seguro e assistência urgente, que evidencia a prioridade atribuída à resposta a crises, principalmente após o recente e devastador terragismoto que atingiu a Turquia e a Síria. Outro setor crucial para a garantia dos direitos, da segurança e da inclusão social das pessoas afetadas por conflitos é o setor da proteção, o qual recebeu um financiamento superior a um milhão de dólares. O MPCA (*cash)* que é a assistência financeira direta teve um orçamento de cerca de 1,9 milhão de dólares, permitindo ações rápidas em casos de catástrofe, conflito ou pandemia. O setor de Meios de Subsistência (*Livelihood*) recebeu aproximadamente 748 mil dólares para promover capacitação, geração de emprego e integração econômica dos beneficiários na comunidade local. A Educação, reconhecida como um direito básico, recebeu cerca de 558 mil dólares, promovendo o acesso e a qualidade do ensino. Na área da Saúde, que é responsável pela assistência médica e nutrição, foram investidos aproximadamente 222 mil dólares.

4. Metodologia do estudo

4.1 Metodologia participativa e contextualização

O presente estudo adotou a metodologia participativa do Photovoice, que conforme descrito anteriormente, é reconhecida pelo seu potencial em conferir voz a grupos desfavorecidos que são considerados à margem da sociedade. Deste modo, foi realizado um estudo que consistiu na produção e análise conjunta de imagens fotográficas produzidas por um grupo de mulheres sírias em situação de refúgio na Turquia. As mulheres sírias foram desafiadas a desempenhar o papel de co-investigadoras do processo, respeitando os fundamentos desta metodologia que tem como base as obras precursoras de Caroline Wang e Mary Ann Burris (1996), bem como as referências teóricas de Paulo Freire e as teorias feministas, que abordam o respeito pela experiência individual e coletiva das participantes no projeto, a igualdade nas relações e a conceção de espaços seguros para a expressão e construção partilhada do conhecimento.

Em paralelo, Sarah Pink (2020) destaca o papel central da mediação nas metodologias visuais, enfatizando que as imagens produzidas no contexto dos trabalhos, atuam como pontos de partida ou percursos para conversas que emergem a partir das suas próprias experiências, interpretações e emoções. Esta perspetiva complementa as bases participativas deste método, uma vez que reforça o entendimento de que o significado das imagens deve emergir das próprias participantes, e não de categorias impostas pelo investigador. Esta compreensão teórica serviu de orientação direta para a prática adotada neste projeto.

A partir do estudo destas teorias, o projeto foi desenhado para ser implementado *in loco* na cidade de Gaziantep, na Turquia durante todo o mês de novembro de 2025. Desenvolvido em parceria com a organização SENED, que trabalha diretamente com refugiados em contexto urbano, o estudo envolveu um grupo de dez mulheres sírias que participaram como co-investigadoras. O objetivo central foi compreender, a partir das suas próprias perspectivas e imagens, como constroem sentidos de pertencimento e de transformação no espaço urbano. Contudo, a participação não foi limitada ao momento de recolha de dados, mas constituiu um eixo estruturante de todo o processo, moldando a forma como as sessões foram conduzidas, como os temas emergiram e como o conhecimento foi produzido colaborativamente.

Os encontros de grupo e os workshops proporcionados, permitiram uma discussão coletiva e uma observação profunda de como os sentidos das imagens são construídos

socialmente, integrando as narrações próprias e coletivas no conhecimento etnográfico gerado por esta metodologia.

Desde o início, o projeto foi desenvolvido para envolver ativamente as integrantes em todas as etapas relevantes. Foram realizadas sessões introdutórias destinadas a criar confiança e coesão, apresentar os objetivos do estudo e esclarecer a metodologia do Photovoice. Nestes encontros, foram igualmente trabalhadas dinâmicas de integração cultural e emocional, como a atividade *My Object, My Story*, que permitiu explorar simbolicamente experiências particulares e criar um espaço seguro para expressão individual e coletiva. Tivemos oportunidade de discutir questões éticas, limites de exposição, formas de garantir privacidade e o seu direito à retirada de qualquer fotografia ou narrativa a qualquer momento Estes momentos reforçaram não apenas o caráter participativo do estudo, mas também a prática do consentimento contínuo, essencial para metodologias visuais sensíveis e colaborativas como esta.

A parceria com a organização SENED que serviu de alicerce no processo metodológico. Enquanto entidade local com profundo conhecimento da comunidade síria em Gaziantep, contribuiu para o recrutamento das mulheres sírias envolvidas, forneceu o espaço físico para as sessões, garantiu apoio emocional e cultural sempre que necessário e por fim ajudou a legitimar o projeto junto das famílias e da comunidade, culminando numa exposição final de fotografias. A presença institucional desta Organização foi essencial para assegurar que as atividades decorriam de forma ética, culturalmente sensível e alinhada com as necessidades específicas de mulheres em situação de vulnerabilidade.

Um elemento metodológico crucial foi o trabalho com um intérprete sírio, cuja função se revelou não apenas técnica, mas mediadora. Dado que a maioria das pessoas não domina o inglês, o intérprete assegurou que os relatos, emoções e expressões culturais fossem traduzidas com fidelidade de árabe para inglês. Assim, a tradução foi entendida como parte integrante da construção participativa do conhecimento, garantindo que as interpretações iniciais fossem preservadas antes de qualquer intervenção mediadora.

A coordenação da recolha e análise das produções visuais foi efetuada colaborativamente, além de terem sido, com consentimento, gravadas e transcritas todas as sessões. Cada participante escolheu livremente os temas que desejava fotografar, bem como as imagens que gostaria de apresentar nas sessões. Dado o tempo limitado disponível, inicialmente as sessões foram organizadas em dois grupos de cinco pessoas, permitindo aproximadamente doze minutos para cada uma.

Em cada encontro, procedeu-se inicialmente à visualização e análise de todas as fotografias descarregadas das câmaras. Consequentemente, cada participante selecionou duas ou três imagens e partilhou espontaneamente as histórias associadas às imagens. Apenas após essa narrativa inicial foram introduzidas perguntas abertas, inspiradas no sistema SHOWeD, com o objetivo de aprofundar o significado, estimular a reflexão crítica e explorar conexões com a vida coletiva em Gaziantep. Em seguida, o grupo era convidado a reagir, partilhar experiências semelhantes ou acrescentar novas interpretações, permitindo que a análise emergisse de uma maneira orgânica, dialogada e culturalmente situada.

A análise conjunta dos registos visuais constituiu, assim, o núcleo da metodologia adotada. Eu e o intérprete, juntamente com colaboradores da SENED, assumimos o papel de facilitadores, assegurando o equilíbrio entre profundidade emocional, segurança psicológica e gestão do tempo. As mulheres que participam como co-investigadoras guiaram a produção de sentidos, identificaram temas recorrentes e discutiram experiências partilhadas, o que permitiu que os primeiros padrões temáticos emergissem diretamente das suas narrativas.

Após cada sessão, as gravações foram transcritas, recorrendo-se pontualmente a ferramentas de reconhecimento automático de fala baseadas em Inteligência Artificial, nomeadamente o modelo Whisper, desenvolvido pela OpenAI[3], e a plataforma Clipto[4], utilizadas como apoio ao processo de transcrição. As transcrições foram posteriormente revistas e validadas manualmente. Em conjunto com estes registos e com as minhas notas reflexivas, foi possível delinear o caminho para a análise aprofundada apresentada no capítulo de demonstração dos resultados.

Para apoiar o processo de escrita, organização e reflexão ao longo desta dissertação, recorreu-se ao modelo de linguagem baseado em inteligência artificial ChatGPT, desenvolvido pela OpenAI (OpenAI, 2025), enquanto ferramenta complementar. Este modelo foi utilizado para ajudar a esclarecer e a refazer excertos do texto, de modo a rever a gramática e o estilo do texto académico, bem como auxiliar na organização e sistematização dos registos de campo, relatórios e descrições associadas às fotografias produzidas no decurso do projeto. Todos os conteúdos gerados com o apoio desta ferramenta foram sujeitos a uma revisão crítica e validação efetuadas manualmente, de modo a garantir que a análise, a interpretação dos dados

[3] O Whisper é um modelo de reconhecimento de voz, desenvolvido pela OpenAI com base em inteligência artificial, tendo como finalidade a transcrição de áudio em múltiplos idiomas.
[4] A plataforma Clipto é uma ferramenta digital de apoio à transcrição automática da gravação de áudios.

empíricos e as conclusões apresentadas permanecem integralmente sob minha responsabilidade.

Por fim, esta secção reflete uma metodologia que não é apenas técnica, mas relacional, contextual e ética. Este método, enquanto abordagem participativa, revelou-se particularmente adequado ao trabalho com mulheres refugiadas sírias, permitindo-lhes expressar visual, verbal e emocionalmente aspetos significativos das suas vidas. O processo desenvolveu-se progressivamente, contribuindo para o fortalecimento da autoestima e para a construção de um sentimento de pertença ao grupo e ao contexto urbano onde vivem. Simultaneamente, produziu dados ricos e culturalmente informados, fundamentais para a compreensão da forma como estas mulheres constroem significados, negociam identidades e transformam os espaços urbanos que habitam.

4.2 Uso de câmaras fotográficas digitais no projeto

A opção pela utilização de câmaras fotográficas digitais exclusivas para o projeto, constituiu uma opção metodológica intencional, relacionada com a forma como se pretendia produzir, partilhar e analisar as imagens. Embora os dispositivos móveis sejam amplamente utilizados para produzir imagens do quotidiano, o seu uso está frequentemente associado a práticas rápidas, automáticas e mediadas pelas redes sociais. Em última análise, a uniformidade do material selecionado contribuiu para a deslocação do foco do dispositivo para o olhar fotográfico de cada participante, com o intuito de reforçar a centralidade na experiência vivida, ou seja, a intenção intrínseca a cada imagem, em vez de se atribuir maior atenção à qualidade técnica ou estética, de modo a privilegiar o conteúdo e o significado.

Outro aspeto relevante desta escolha está associado à veracidade e à originalidade das imagens, uma vez que a transferência das mesmas era efetuada diretamente das câmaras durante cada sessão. Este procedimento diminuiu a probabilidade de utilização de imagens externas ou previamente existentes. Simultaneamente, ao serem apresentadas no próprio espaço coletivo do projeto, as imagens afirmaram-se como produções autorais, situadas no tempo e no contexto das participantes. Assim, fortaleceu-se a dimensão ética, participativa e reflexiva do processo. Além disso, o momento de transferência das imagens revelou-se também uma etapa significativa do processo participativo. Enquanto uma das mulheres faziam a transferência do seus registos, as demais comentavam, formulavam perguntas e iniciavam espontâneamente a troca de impressões. Esta dinâmica informal funcionou como uma transição

natural entre o quotidiano exterior e o espaço acolhedor que gradualmente formavam-se durante as sessão, tendo favorecido assim, a criação de proximidade, curiosidade e escuta antes mesmo da discussão estruturada sobre as imagens.

Segundo resultado obtido da experiência no terreno, esta opção metodológica mostrou-se inteiramente apropriada, tanto em termos práticos como relacionais, tendo contribuído para o envolvimento das integrantes do projeto e para a qualidade do material produzido.

4.3 Seleção de participantes

A seleção das participantes foi realizada diretamente pela equipa da SENED, organização parceira local que desenvolve trabalho comunitário e apoio psicossocial à população refugiada em Gaziantep. As mulheres convidadas para este projeto já frequentavam programas regulares de apoio psicossocial e atividades comunitárias promovidas pela organização no seu centro local, o que facilitou o recrutamento e assegurou a existência de um vínculo prévio de confiança entre as participantes e a instituição.

O grupo selecionado apresentou uma configuração homogénea uma vez que todas são de origem síria e do sexo feminino, com idades compreendidas entre 20 e 47 anos. Quanto aos níveis de escolaridade, percursos ocupacionais e tempos de residência na Turquia, notou-se uma diferença mais acentuada, o que contribuiu para uma diversidade de experiências urbanas e relatos de deslocação.

A Tabela a seguir apresenta as principais características sociodemográficas das dez participantes, conforme registado no primeiro encontro do projeto.

Quadro 1. ***Informações sociodemográficas das participantes***

Nome	Idade	País de origem	Formação/ocupação	Tempo de residência na Turquia
Hiba	22	Síria/Alepo	Estudante universitária, 1.º ano do curso de Enfermagem	11 anos
Muna	47	Síria/Alepo	Ensino básico completo; costureira	9 anos
Teyme	23	Síria/Alepo	Frequenta o último ano do ensino básico	11 anos
Khadija	21	Síria/Alepo	Frequenta um sistema de ensino secundário á distancia	12 anos

Jullanar	23	Síria/Alepo	Licenciada em Análises Clínicas; atualmente desempregada	12 anos
Fatma	22	Síria/Alepo	Estudante universitária; exerceu ensino religioso (Alcorão) no passado	11 anos
Dyana	20	Síria (origem turcomana)	Estudante de Enfermagem (curso técnico em Anestesia); sem experiência profissional	14 anos
Ayda	33	Síria/Alepo	Ensino secundário completo; atualmente não estuda nem exerce atividade profissional	8 anos
Lina	22	Síria/Alepo	Frequência universitária em Administração de Empresas; certificação em Desenvolvimento Infantil; experiência em jardim de infância	10 anos
Kholoud	29	Síria/Alepo	Licenciada em Literatura Árabe; proprietária de uma loja e doméstica	10 anos

Nota. Os nomes apresentados são pseudónimos, utilizados com o objetivo de preservar o sigilo e a confidencialidade, em cumprimento aos princípios éticos desta investigação.

Apesar de partilharem uma história comum de deslocação forçada e uma origem geográfica semelhante, cada participante traz consigo um percurso de vida distinto, marcado por diferentes aspirações, desafios e formas de resiliência.

A Hiba, que interrompeu os estudos universitários em Enfermagem após a perda do pai, mantém uma personalidade sociável e uma sede de aprendizagem que as dificuldades económicas não conseguiram extinguir. A Muna perdeu o marido durante a guerra na Síria e, sozinha, dedica-se a cuidar dos cinco filhos. O mais novo tinha apenas dois meses de vida quando perdeu o pai. Além disso, trabalha como costureira . Teyme encontra na leitura uma fonte de tranquilidade interior e de conhecimento, e atribui um valor especial à sua autoconfiança. Também valoriza o tempo de qualidade que passa com a família. A Khadija procura continuamente o autodesenvolvimento através da aprendizagem e de novas experiências. Segue uma rotina diária relativamente normal e cultiva o gosto pela leitura, escrita e fotografia. A Jullanar reconhece que o planeamento e o desenho são

formas genuínas de expressar as suas emoções, atribui um valor profundo ao apoio familiar e reconhece a sua capacidade de ajudar os outros como uma das qualidades que mais preza em si. A Fatma dedica-se ao desenho e à ilustração como formas de expressão criativa, gosta de passar tempo com a família e vê a sua capacidade de comunicar uma forma positiva e eficaz e como uma das suas principais forças. A Dyana tem um forte interesse por desenho, fotografia e design, e considera estes campos criativos formas essenciais de autoexpressão. A Ayda também perdeu o marido na guerra e dedica a vida aos afazeres domésticos e à educação dos filhos, mantendo viva a memória do marido através de fotografias que mostra aos filhos. A Lina gosta de ler e valoriza o tempo passado com a família e amigos próximos, preferindo partilhar as suas experiências pessoais dentro de um círculo social limitado. A Kholoud é viúva, proprietária de uma loja e responsável pelas tarefas domésticas e pela educação dos filhos e de um menino orfão que adotou.

4.4 Etapas do projeto

O cronograma apresentado no Anexo A demonstra uma progressão sequencial das semanas de implementação do projeto, o que evidencia o envolvimento ativo das mulheres que participam do processo. Numa primeira fase, os momentos descritos são caracterizados por oficinas de formação e pela produção inicial de resultados, seguidos por sessões de discussão e análise colaborativa. O percurso metodológico finaliza-se com a exposição dos trabalhos, que valorizam os conhecimentos e as histórias construídas coletivamente durante a execução do projeto.

Semana 1: Chegada e acolhimento (3 a 9 de novembro)

- Reunião de reconhecimento realizada com a equipa da SENED, visita aos espaços do projeto e ao ambiente comunitário, a fim de proporcionar reconhecimento do território e contexto onde foi desenvolvido o trabalho.
- Apresentação do projeto de Photovoice com a participação de toda a equipa da SENED. Apresentação da metodologia, dinâmica dos trabalhos e alinhamento de objetivos.
- Foi realizada uma revisão, em colaboração com a equipa da SENED, de todas as apresentações para os workshops, inclusivé, os formulários de consentimento informado.

Semana 2: Workshops e primeira rodada de fotografias (10 a 16 de novembro)

- Introdução informal com as participantes; *My object, My Story*.
- Sessão em grupo - Workshop 1: Co-definição inicial de temas (segurança, pertença, esperança, visibilidade) a serem trabalhados no decorrer do projeto.
- Sessão em grupo - Workshop 2: Apresentação do conceito de photovoice, discussão sobre ética e apresentação dos termos de consentimento.
- Sessão em grupo - Workshop 3: Introdução ao uso da câmara (noções básicas) e distribuição dos equipamentos: câmara de foto digital compacta, cartão de memória de 64 GB e 2 (duas) baterias.
- Primeira rodada de registos fotográficos.

Semana 3: Reflexões da primeira da rodada de fotografias (17 a 23 de novembro)

- Sessão em grupo: Seleção coletiva das imagens mais marcantes, discussão sobre a escolha e o significado atribuído a cada fotografia da primeira rodada.
- Segunda rodada de registos fotográficos;

Semana 4: Segunda rodada de fotografias e reflexões (24 a 30 de novembro)

- Sessão em grupo: Seleção coletiva das imagens mais marcantes, discussão sobre a escolha e o significado atribuído a cada fotografia da segunda rodada.
- Sessão de grupo: cada pessoa combina textos às imagens selecionadas na primeira e segunda rodada.

Semana 5: Encerramento e exposição de fotografias (1 e 2 de dezembro)

- Exposição das fotografias (Anexo D).
- Entrega dos certificados de participação como reconhecimento simbólico da colaboração e comprometimento de cada participante.

4.5 Aspectos éticos e termos de consentimento

A ética na investigação refere-se a normas de comportamento que orientam a conduta dos investigadores, assegurando que os procedimentos adotados evitam danos e maximizem benefícios. Trata-se de uma dimensão imprescindível em todas as fases de um projeto. No caso de pesquisas que envolvem materiais visuais, as implicações éticas tornam-se particularmente relevantes, seja quando as imagens são produzidas no âmbito do estudo, seja quando provêm de fontes externas. Entre estes princípios, o consentimento informado destaca-se como um dos mais importantes em investigações que envolvem seres humanos (Rose, 2022, pp.74, 75).

A investigação aqui apresentada, realizada em colaboração com a organização SENED, encontra-se em consonância com os princípios e diretrizes internacionais aplicáveis ao trabalho de campo. Em conformidade com as boas práticas de investigação, foram adotados princípios de voluntariedade, consentimento contínuo, proteção de dados, segurança emocional e respeito pela autonomia das intervenientes neste projeto.

Durante o Workshop 2, foram apresentados, explicados e assinados três formulários de consentimento distintos, cada um com finalidades específicas, assegurando uma abordagem ética abrangente e culturalmente sensível. O consentimento informado para a participação no estudo esclareceu os objetivos da investigação, os procedimentos adotados, os potenciais riscos emocionais e os direitos das participantes, garantindo a voluntariedade, a confidencialidade e a proteção da privacidade. Todo o processo decorreu em conformidade com a legislação turca de proteção de dados pessoais, nomeadamente a Lei n.º 6698 sobre a Proteção de Dados Pessoais (KVKK*)* (Law on the Protection of Personal Data No. 6698, 2016).

Assim, o consentimento para fotografar pessoas retratadas, estabeleceu que qualquer sujeito presente nas imagens autorizava voluntariamente a sua representação fotográfica, tendo a sua identidade protegida, exceto se expressamente permitido, com o objetivo de prevenir violações de privacidade e assegurar o uso ético das fotografias captadas no contexto urbano de Gaziantep (Anexo B). Por fim, o consentimento para uso e publicação das imagens confirmou a autoria das mesmas e autorizou a sua utilização para fins académicos, educativos e culturais, incluindo exposições e relatórios. Este processo reforçou a autonomia das pessoas envolvidas relativamente ao destino das suas imagens e garantiu transparência no processo de divulgação científica (Anexo C).

5. Limitações metodológicas

A implementação deste projeto enfrentou algumas limitações que importa reconhecer para uma compreensão apropriada dos resultados obtidos e para a orientação de futuros projetos similares. A mais significativa foi a limitação de tempo disponível para o trabalho de campo. Algumas sessões foram canceladas devido à falta de eletricidade na nova sede da organização da SENED, ainda em fase de instalação, o que reduziu o número de encontros efetivos e comprometeu o cronograma inicial e a regularidade do processo.

As faltas pontuais das participantes tiveram igualmente impacto na dinâmica metodológica. A ausência em determinados encontros, principalmente no final do processo, fez com que fosse necessário prolongar os dias dedicados aos relatos e à seleção das fotografias, garantindo que todas tivessem oportunidade de apresentar o seu material visual. Este prolongamento resultou num aumento da duração e intensidade das sessões, contribuindo para um maior cansaço emocional e cognitivo. Esta realidade tornou-se particularmente evidente na última semana, em que se revelou desafiante manter o grupo envolvido durante períodos prolongados de discussão. Como consequência direta dos fatores mencionados, a etapa final do processo, nomeadamente a organização coletiva dos registos visuais em temas emergentes, não pôde ser realizada com o grupo, conforme planeado inicialmente. Não obstante, importa salientar que, no decurso das sessões em grupo, na escolha e no relato das imagens, os temas emergiram espontaneamente a partir das histórias compartilhadas pelas participantes.

Contudo, apesar de não ter sido viável realizar um encontro exclusivamente dedicado à discussão coletiva dos temas emergentes, a identificação temática manteve-se fiel às vozes e experiências expressas pelas mulheres sírias, não representando qualquer imposição ou influência externa, sem comprometer a integridade analítica dos resultados.

A barreira linguística constituiu outra limitação relevante. Apesar da atuação atenciosa do intérprete, a tradução apresentou uma lacuna significativa na correspondência palavra por palavra com as narrativas, sendo frequentemente apresentada em forma de resumo. Esta prática pode ter resultado numa perda de pormenores emocionais e culturais. Apesar das integrantes mulheres sentirem-se confortáveis com a presença do intérprete, a possibilidade de uma mediação linguística realizada por outra mulher poderia ter produzido diferentes tipos de diálogo, especialmente no que diz respeito à partilha de experiências sensíveis. Esta consideração é apresentada como uma reflexão metodológica relevante para investigações futuras.

As gravações das sessões, utilizadas como suporte analítico, também suscitaram dificuldades, uma vez que os programas de transcrição testados (Whisper e Clipto) por vezes não distinguiam adequadamente os interlocutores e misturavam elementos dos discursos. Para atenuar as deficiências identificadas, tive a necessidade de realizar traduções e correções exaustivas e diárias, enquanto as conversas permaneciam frescas na minha memória.

Ainda, embora o intérprete tenha sido orientado a evitar introduzir perguntas próprias, a fluidez das interações tornava inevitável que, ocasionalmente, surgissem reformulações ou questões adicionais não previstas, o que poderá ter influenciado alguns desenvolvimentos narrativos.

O recurso às câmaras fotográficas demonstrou igualmente ser desafiante. Inicialmente, várias participantes manifestaram dúvidas relativamente à opção por câmaras em vez de telemóveis, o que exigiu um tempo adicional de explicação e um esforço de adaptação no workshop dedicado ao uso dos equipamentos. Ainda que essa resistência inicial tenha sido progressivamente superada e algumas delas tenham posteriormente reconhecido que a escolha das câmaras foi positiva, esta etapa contribuiu para um despendio de tempo maior que o previsto. Foi necessário fornecer apoio técnico acrescido, uma vez que, inicialmente demonstravam hesitação e pouca familiaridade com o equipamento.

Adicionalmente, o projeto enfrentou restrições financeiras substanciais. A investigação não contou com financiamento externo ou bolsa de apoio, pelo que todas as despesas, incluindo deslocações internacionais, alojamento e alimentação durante os 30 dias de campo, aquisição das câmaras utilizadas, materiais para os workshops e impressão dos banners e cartazes da exposição, foram integralmente financiadas a título pessoal. Esta condição não só impôs limitações à amplitude logística das atividades, como também restringiu a possibilidade de prolongar a permanência em campo, impedindo a extensão do projeto para além do período inicialmente previsto.

As limitações de tempo e dos recursos influenciaram a fluidez do processo, mas de maneira nenhuma comprometeram a validade do estudo. Os temas emergiram das histórias que acompanham as imagens apresentadas pelas participantes, o que concedeu a espontaneidade primordial para a implantação da metodologia participativa em questão.

6. Apresentação e análise dos dados

6.1 Descrição do processo de recolha e organização dos dados

Esta secção descreve o percurso de recolha, organização e interpretação dos dados produzidos por toda a extensão do projeto de Photovoice, desenvolvido em Gaziantep, na Turquia. A análise baseia-se nas fotografias obtidas pelas participantes, nas descrições verbais partilhadas durante as sessões em grupo e nas discussões coletivas que emergiram a partir da visualização das imagens. Estes diferentes materiais empíricos são apresentados de forma integrada, o que permite que os relatos sejam analisadas de modo fluido durante a discussão dos resultados.

Para obter transcrições tão fiéis quanto possível das falas em árabe e das traduções feitas pelo intérprete, recorri a dois programas já mencionados na metodologia: o Whisper e o Clipto. Em seguida, converti o conteúdo para português e, em cada sessão, comparei essas transcrições com as minhas notas próprias tomadas logo após a cada encontro. Este procedimento permitiu corrigir erros automáticos de transcrição, recuperar detalhes que surgiram na dinâmica do grupo e assegurar que o que foi partilhado refletisse verdadeiramente o que cada participante pretendia transmitir. O material empírico resulta da combinação do registo de áudio, da observação direta e das notas de campo.

Estes registos foram desenvolvidos durante as sessões presenciais com o grupo, a fim de demonstrar o progresso do trabalho durante os encontros. A dinâmica das conversas, as reações às imagens e os momentos de partilha revelaram que as integrantes têm experiências de vida muito diferentes, influenciadas pelas suas trajetórias próprias e pelas memórias da vida na Síria e em Gaziantep. Essa diversidade tornou-se evidente na forma como observam a cidade, no que decidiram escolher para fotografar e contar.

As primeiras sessões concentraram-se na criação de um ambiente seguro e de confiança. Nessa fase inicial, apresentei o projeto, a metodologia do Photovoice e o papel do intérprete, ao mesmo tempo que estabelecemos as bases éticas e as linhas orientadoras do trabalho. Foram discutidos temas como a perceção visual, a subjetividade, a ética fotográfica, o consentimento e a formulação de perguntas orientadoras. Estes momentos permitiram reconhecer que a interpretação de uma imagem depende da história e do olhar de cada pessoa, como foi possivel verificar em uma das conversas: “duas pessoas podem olhar para a mesma fotografia e ver coisas completamente diferentes”.

Concluída esta etapa, cada participante recebeu uma câmara fotográfica para registar elementos significativos para elas. Entre as imagens produzidas, eram geralmente escolhidas

entre duas e cinco por sessão, que vinham acompanhadas de falas individuais que explicavam o motivo da escolha e a história pessoal que se pretendia trasmitir. Os encontros seguintes foram dedicados à partilha e discussão destas fotografias, numa dinâmica coletivo de interpretação. Foi precisamente dessas conversas que começaram a emergir os eixos temático que embasaram os resultados apresentados na próxima secção.

6.2 Temas emergentes

Os resultados apresentados neste capítulo constituem uma síntese da análise integrada das fotografias produzidas, das narrativas individuais associadas a essas imagens e das discussões coletivas realizadas ao longo das sessões em grupo. Com base nos dados empírico obtidos, foi possível identificar como as mulheres participantes expressam, interpretam e atribuem significado às suas experiências quotidianas na cidade de Gaziantep. A partir da articulação entre as experiências e os seus significados, foram identificados temas emergentes, no decurso das discussões coletivas e do processo reflexivo desenvolvido em conjunto com as participantes, no âmbito do método do Photovoice.

Os temas emergentes identificados durante a trajetória, não foram predeterminados, mas sim resultantes de maneira espontânea da análise das interpretações atribuídos às imagens produzidas. Cada tema traduz dimensões recorrentes da experiência urbana, emocional e social do desalojamento vivenciado por estas mulheres, com o intuito de demonstrar como constroem sentidos de pertença, continuidade, rutura e reconstrução na cidade de acolhimento.

Desta forma, cada conjunto de imagens é apresentada em associação com a respetiva análise interpretativa e, sempre que pertinente, com a literatura relevante, de modo a facilitar a compreensão do diálogo entre imagem, narrativa empírica e enquadramento teórico.

As referências às fotografias seguem uma ordem pré-estabelecida, indicando o nome da participante, o número atribuído à fotografia e a data da respetiva da sessão em grupo. A análise é sustentada essencialmente aos registados de campo dos encontros, visto que oferecem uma riqueza descritiva e emocional que permite uma compreensão mais profunda das experiências vividas. As citações diretas preservam a voz original das mulheres sírias, o que garante que a análise teórica não se sobrepõe às experiências partilhadas por elas, mas que estas surjam em articulação com as mesmas.

6.2.1 Memória, reconhecimento urbano e continuidade

Os resultados apresentados neste primeiro tema emergente indicam que o processo de integração urbana em Gaziantep é construído por meio do reconhecimento do espaço urbano. Estes procedimentos estão diretamente relacionados com a memória das cidades de origem e com a identificação de elementos de continuidade simbólica, cultural e sensorial. Em vez de uma rutura total com o passado, os discursos e os registos visuais demonstram uma forma de integração fundamentada na capacidade de compreender, interpretar e sentir a cidade de acolhimento com base em referências das cidades de origem, sobretudo de Alepo e Damasco.

Figura 5. ***Fotografia da Khadija***

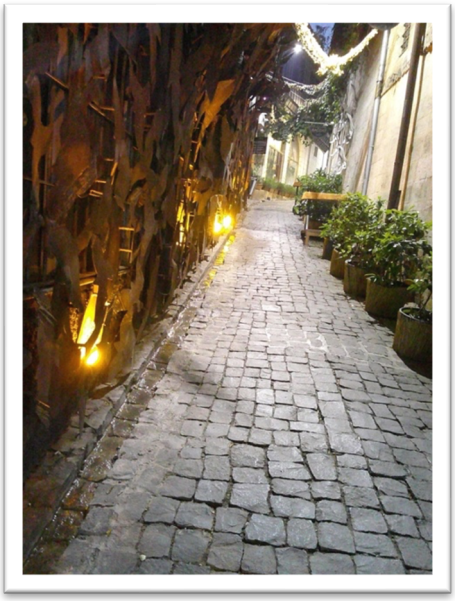


Nota. "Gaziantep lembra-me a cidadela de Alepo. Sinto que pertenço aqui porque parece a nossa cidade original".
Fonte: Imagem produzida no projeto (Khadija – Foto 1 – 24/11/2025)

A Figura 5 (Fotografia da Khadija) demonstra claramente esta dinâmica. Khadija explica que, ao ver a "cidadela de Gaziantep", naturalmente lembrou-se da "cidadela de Alepo", um lugar simbólico de memória, identidade e pertencimento. A comparação direta estabelecida por ela entre as duas cidades não está limitada a uma semelhança na arquitetura, mas expressa um reconhecimento urbano mais profundo que engloba as ruas, os lugares históricos e a função defensiva das muralhas, elementos que trazem o espírito de resiliência que ela identifica em ambas as cidades. Durante a discussão coletiva, o grupo confirmou que o Castelo de Gaziantep foi construído semelhante ao de Alepo, o que reforça a perceção de

Khadija. "Sentimos que pertencemos aqui porque parece a nossa cidade original". Khadija, que vive na Turquia há 12 anos, destaca ainda que essa semelhança permite-lhe sentir uma ligação afetiva contínua com a história e a cultura, entre o passado que perdeu e o presente que vive hoje.

Figura 6. ***Fotografia da Fatma***



Nota. Fatma comparou o centro histórico de Gaziantep ao de Alepo e sente algo muito familiar nas duas.
Fonte: Imagem produzida no projeto (Fatma – Foto 1 – 18/11/2025).

Na Figura 6 (Fotografia da Fatma), a noção de familiaridade surge a partir de elementos estéticos do quotidiano, como as passagens estreitas, que são identificadas no espaço urbano. Fatma descreve como essa a passagem, integrada a pedras antigas, vasos e esculturas de ferro em forma de pássaros, lhe transmite a sensação de estar a caminhar dentro de uma história de tempos passados. A iluminação suave confere tranquilidade, aconchego e serenidade. Fatma, assim como Khadija, faz comparações entre Gaziantep e Alepo, principalmente entre o centro histórico das duas cidades. Esta observação foi confirmada por outras participantes, que reconheceram as similaridades apontadas. Conforme a experiência descrita por Fatma, é possível constatar que a integração não depende exclusivamente da identificação destes símbolos urbanos, mas precisamente da capacidade de estabelecer uma relação afetiva. Esta relação remete a formas conhecidas de habitar a cidade, ao mesmo tempo que estabelece uma ligação com Alepo e, por conseguinte, promove uma continuidade e o sentimento de pertencimento.

A compreensão do espaço urbano observado nos relatos acima descritos, aproxima-se da perspetiva apresentada por Cresswell (2015, p. 69). Esta é inspirada na obra de Michel de Certeau, e afirma que o espaço não é apenas um cenário fixo onde a vida acontece, mas algo que é continuamente produzido por intermédio das práticas quotidianas. Embora os lugares urbanos sejam estruturados e organizados previamente e sem qualquer influência das participantes, é graças à forma como são utilizados e reinterpretados por elas, que os tornam espaços com significado. Em conclusão, a prática diária permite que estas mulheres sírias atribuam novos sentidos aos lugares, transformando-os em espaços que proporcionam diferentes experiências, memórias e sentimentos de ligação ao novo lugar.

Figura 7. ***Fotografia da Lina***



Nota. Lina relata que a imagem a faz lembrar os mercados na Síria, principalmente o de Damasco.
Fonte: Imagem produzida no projeto (Lina – Foto 3 – 25/11/2025).

A relevância das práticas quotidianas é manifestada ainda na Figura 7 (Fotografia da Lina). Apesar da Lina ter saído muito jovem do seu país e não ter lembranças muito nítidas, descreve o mercado de Gaziantep como um espaço que a leva de volta aos mercados da Síria, em especial ao de Damasco. Lina explica que, embora não se lembre bem da Síria, vê imagens da sua cidade na televisão e na mídia, e que a família faz muitos relatos de modo que "essas imagens acabam por ficar gravadas como se fossem memórias próprias". Esta evidência é particularmente interessante, uma vez que a memória pode ser transmitida por meio de narrativas familiares ou imagens difundidas pelos órgãos de comunicação social. Esta situação demonstra que a memória urbana não depende exclusivamente da vivência direta, mas pode

ser construída ou resgatada por relatos, imagens e práticas sociais. Esta memória transmitida não se manifesta apenas a nível narrativo, mas é atualizada durante a vivência no contexto urbano. Conforme afirma Certeau (2011, pp. 91–94), a cidade é uma construção social que resulta das práticas dos seus habitantes. Assim, a prática de caminhar pelo mercado, observar as pessoas, circular e efetuar comparações entre espaços urbanos, são formas de usar a cidade que permitem a atribuir de significados no espaço urbano, transformando-o num lugar conhecido para elas. Outra participante, Ayda, acrescenta que o mercado é um espaço particularmente frequentado e apreciado pelas mulheres, onde gostam de observar e comprar, o que reforça a dimensão de género presente na experiência urbana das participantes.

Figura 8. ***Fotografia da Jullanar***



Nota. Jullanar narra que "há uma coisa muito importante nesta arte, um significado, não apenas uma pintura bonita".

Fonte: Imagem produzida no projeto (Jullanar – Foto 1 – 24/11/2025).

Para além do reconhecimento visual do espaço urbano, já observado nas fotografias anteriores, a Figura 8 (Fotografia da Jullanar) acrescenta formas de continuidade simbólica e de identidade que se constroem pelas práticas culturais exercidas em espaços específicos na cidade[5]. Jullanar escolheu esta imagem por expressar a ligação profunda que ela tem com a arte da caligrafia árabe, uma prática amplamente difundida tanto na Síria como na Turquia. Ao descrever os diferentes estilos de caligrafia, as formas de escrita, os materiais que ela usa, como

[5] Atividades são oferecidas gratuitamente por instituições públicas locais, cada bairro tem um local próprio para a prática de atividade culturais mediante inscrição prévia.

a tradicional caneta de madeira com tinta, Jullanar evidencia que a caligrafia não se reduz a uma expressão artística, mas constitui um percurso que envolve aprendizado, disciplina, paciência, dedicação e principalmente a transmissão do conhecimento e de identidade cultural. Khadija destaca ainda que a palavra desenhada na fotografia é um dos nomes de Deus, pertencente aos 99 nomes sagrados, e acrescenta: "Há uma coisa muito importante nesta arte, um significado, não apenas uma pintura bonita". Logo, a valorização destas práticas sugere que a cidade de acolhimento pode atuar como um espaço que permite não apenas o reconhecimento de elementos familiares, mas também a a preservação e a expressão de referências culturais, o que contribui novamente para o sentimento de familiaridade, sentido de pertença e continuidade.

Figura 9. ***Fotografia da Khadija***



Nota. O autor deste mural desejava muito regressar a Alepo, mas a morte chegou antes que pudesse regressar.

Fonte: Imagem produzida no projeto (Khadija – Foto 2 – 24/11/2025).

A Figura 9 (Fotografia de Khadija) mostra como histórias íntimas de deslocamento se inserem no ambiente urbano. Khadija contou-nos uma breve relato sobre o autor do mural, seu vizinho que morava no mesmo prédio e que tinha o desejo de regressar a Alepo. Três meses antes do fim dos confrontos armados na cidade, ele adoeceu de repente e faleceu quarenta dias antes da cidade ser libertada, infelizmente sem conseguir ver a sua cidade novamente. O artista pediu autorização ao governador para fazer esta pintura, garantindo que não fosse removida da

parede. A imagem retratada numa via pública, transforma-se numa narrativa viva sobre a perda, a memória e o desejo de regresso não concretizado ao país de origem. Durante a discussão coletiva, houve dúvidas em relação à figura representada, se seria realmente uma mulher síria, uma vez que não usa os elementos visuais associados à identidade cultural, como o hijab. O grupo refletiu que o artista poderá ter pensado sobre representar a modernidade e a tradição juntas, criando um paralelo simbólico entre passado e presente na mesma imagem. Para Khadija, a história do seu vizinho que não conseguiu regressar a Alepo estabelece uma ligação com a sua própria experiência de mobilidade, transformando o mural num espaço onde a memória pessoal adquire visibilidade e reconhecimento no contexto urbano.

Figura 10. ***Fotografia da Jullanar***



Nota. Jullanar expõe que "ao entrar, tudo fica silencioso… a alma acalma-se".
Fonte: Imagem produzida no projeto (Jullanar – Foto 1 – 18/11/2025).

Se o mural representado na imagem da Figura 9 é capaz de materializar a memória no espaço público, a Figura 10 (Fotografia de Jullanar) destaca como esse mesmo espaço público pode oferecer refúgio emocional. A porta da mesquita é descrita por Jullanar como um limiar sagrado que:

> Separa o ruído do quotidiano de um espaço de silêncio e recolhimento. Ao ultrapassar essa porta, tudo se silencia, a cabeça fica sem o ruído do dia a dia. Quando volto a passar a porta para o lado de fora, tudo começa outra vez.

Neste sentido, a integração das mulheres envolvidas neste estudo não é processada por meio da adaptação passiva a um contexto totalmente estranho, mas sim através da produção ativa e contínua de significados pessoais e coletivos. Segundo Schmid (2022, p. 265), ao sistematizar a teoria de Lefebvre, este explica que esta dinâmica é designada por "campo social", ou seja, a dimensão em que se manifestam os símbolos, o imaginário e o desejo, precisamente o domínio onde atua a vida real das pessoas, que o autor critica que a filosofia tradicional excluiu das reflexões sobre o espaço. As integrantes constroem assim, continuidade entre passado (Cidade de Alepo e Damasco) e o presente (Cidade de Gaziantep) ao longo das suas experiências de vida, capazes de transformar a cidade num território de memória e pertença.

Em sintonia com a revisão da literatura apresentada no Capítulo 2, os resultados deste primeiro tema emergente confirmam que a integração urbana deve ser compreendida como um processo dinâmico, relacional e progressivo, que se constrói no dia a dia e na relação com o espaço da cidade de acolhimento. Tal como referido por Ager e Strang (2008) e o pelo *Committee on Migration, Refugees and Displaced Persons* (2023), a integração não se reduz à adaptação formal com o acesso somente a serviços e a direitos, mas envolve a construção de pertença por meio da participação, do reconhecimento e da ligação simbólica ao contexto urbano. Neste estudo, esta ligação é afirmada pela manifestação de memórias, referências culturais e práticas diárias no espaço urbano de Gaziantep, em concordância com as observações de Goularas et al. (2024) sobre a importância das continuidades culturais no âmbito da integração. Este tema emergente evidencia que o reconhecimento do lugar constitui uma base para os processos de integração urbana, a partir da qual se desenvolvem, nos dois temas seguintes, as continuidades entre passado e presente.

6.2.2 Guerra, trauma e marcas do deslocamento

Se no primeiro tema foram identificados mecanismos de continuidade e reconhecimento urbano, neste segundo tema as histórias convergem para a rutura violenta provocada pela guerra na Síria. Os depoimentos apresentados nas discussões em grupo, referentes às fotografias escolhidas, refletem que a experiência de deslocação forçada devido ao conflito, não representou apenas uma mudança de país, mas uma experiência marcada por perdas devastadoras, traumas profundos e pelo medo de regressar ao país de origem.

Figura 11. ***Fotografia da Dayana***



Nota. Dayana relata que “a primeira coisa que vimos foi guerra”
Fonte; Imagem produzida no projeto (Dayana – Foto 1 – 18/11/2025).

A Figura 11 (Fotografia da Dayana) apresenta um dos depoimentos mais impactantes sobre os efeitos da guerra. A fotografia, captada num museu em Gaziantep, desperta em Dayana, não apenas um espaço para a valorização da cultura, mas sobretudo as memórias traumáticas da violência presenciada na Síria, descrita por suas próprias palavras:

> A imagem lembrou-me a guerra na Síria. Os nossos primeiros passos na vida, a primeira coisa que vimos foi guerra, bombardeamentos e medo. Vivemos uma sensação terrível, vimos coisas que nunca deveríamos ter visto.

O sentimento foi partilhado pela maioria delas, o que revela que o conflito não constituiu um evento pontual na sua trajetória pessoal, mas sim uma experiência coletiva. Dayana diz-nos ainda que se identifica simultaneamente com a mulher e com a criança representadas na fotografia do museu, o que demonstra que o conflito armado não distingue idades ao interromper abruptamente o curso normal da sua infância. Por fim, Dayana relata que precisou deixar tudo para trás e mudou-se para a Turquia apenas por uma questão de segurança.

Figura 12. ***Fotografia da Dayana***



Nota. Dayana revela que "tantas pessoas morreram simplesmente porque não conseguiram chegar a um hospital".
Fonte: Imagem produzida no projeto (Dayana – Foto 2 – 18/11/2025).

A Figura 12 (Fotografia da Dayana), constitui uma continuação da narrativa anterior, mas com especial atenção ao colapso das infraestruturas de saúde durante a guerra. Dayana descreve o seguinte:

> Tantas pessoas morreram simplesmente porque não conseguiram chegar a um hospital. Por causa da guerra e dos ataques, tudo estava fechado, farmácias, estradas e nem mesmo suprimentos médicos básicos poderiam ser encontrados.

Este relato revela a precariedade na qual as cidades ficaram em meio ao conflito, e como as mortes eram uma consequência não apenas causada diretamente por bombardeiros, mas também pela destruição consistente dos sistemas de apoio. Muna acrescenta uma história pessoal que enriquece a discussão em grupo, ao partilhar que, durante os conflitos, levou uma pessoa gravemente ferida para cuidar em casa, apesar da sua falta de conhecimentos e de medicamentos adequados. Apenas conseguiu envolver, com alguns retalhos de roupa, o ferimento na perna da vítima, o que mais tarde culminou em complicações mais graves e, subsequentemente, na amputação do membro afetado. A relato de Muna acabou por suscitar uma comoção entre as demais mulheres, o que mostra que o impacto da guerra ultrapassa a esfera individual, sendo partilhado por toda uma comunidade que testemunhou a violência extrema e a privação sistemática dos direitos à vida e à saúde.

Figura 13. ***Fotografia da Muna***



Nota. Muna reconhece nesta foto o peso do trabalho físico que viveu: “Carregava sacos pesados de azeitonas para sobreviver...esta era eu”.
Fonte: Imagem produzida no projeto (Muna – Foto 1 – 19/11/2025).

As Figuras 13 (Fotografias da Muna) introduz a perspetiva de género, ao expor como a perda do marido durante o conflito impôs mudanças radicais na sua vida. Não é a Muna que aparece na fotografia, mas a imagem foi captada porque a tocou profundamente, á medida que lhe trouxe memórias difíceis. A fotografia mostra uma mulher a colher azeitonas, trabalho que Muna foi forçada a realizar na Síria, após a morte do marido durante a guerra. Ficou sozinha sem apoio de ninguém e com cinco filhos, quando o mais novo ainda tinha apenas dois meses. Para alimentar as crianças, começou a trabalhar no campo e lembra-se que carregava sacos pesados de azeitonas para garantir a subsistência. A fotografia, nas suas palavras, representa: “o peso emocional daquele tempo: ver esta mulher era como ver-me naquele momento”.

Durante o debate em grupo, a Muna manifestou simultaneamente dor, força e dignidade, ao repetir várias vezes: “Esta era eu”. Este momento gerou intensa emotividade, o que demosntrou que a narrativa de Muna teve um impacto coletivo, ao transmitir uma experiência partilhada da viuvez, responsabilidade familiar e luta pela sobrevivência em contexto de guerra. Esta realidade reflete um padrão estrutural identificado, no qual quase um terço dos agregados familiares de refugiados sírios na Turquia são liderados por mulheres ou crianças. Adicionalmente, 80% destes agregados vivem em situação de pobreza (AFAD, citado em Freedman et al., 2017, p. 4).

Figura 14. ***Fotografia da Ayda***



Nota. A planta é cultivada com terra do túmulo do marido de Ayda, que perdeu a vida na guerra da Síria.

Fonte: Imagem produzida no projeto (Ayda – Foto–18/11/2025).

Numa perspetiva complementar de género, a Figura 14 (Fotografia da Ayda) revela um dos relatos mais profundos sobre luto e continuidade simbólica registadas neste estudo. Ayda explica: "A imagem mostra uma pequena planta a crescer num vaso. Tudo parece simples, mas a verdade é muito mais profunda". Os filhos de Ayda trouxeram da Síria, terra do túmulo do pai, e plantaram-na num vaso. Segundo ela, os filhos tiveram esse gesto "como se estivessem a tentar trazer uma parte do pai de volta à vida através dessa planta". A narrativa procede e Ayda acrescenta que a memória do marido é mantida viva via fotografias: "E as suas memórias, que lhes mostro em fotos, realmente falam por si, porque tudo o que eles sabem sobre o pai são as fotos que lhes mostro e sobre as quais lhes conto". Esta narrativa sugere que a perda não resulta apenas numa ausência, mas também em sistemas ativos de construção de memória e de transmissão entre gerações, de uma história que as crianças não viveram diretamente, mas que contribui para a formação de identidade familiar.

Figura 15. ***Fotografia da Muna***



Nota. Muna retrata: “o ninho vazio é como a alma de uma mãe que perdeu muito”.
Fonte: Imagem produzida no projeto (Muna – Foto 2 – 19/11/2025).

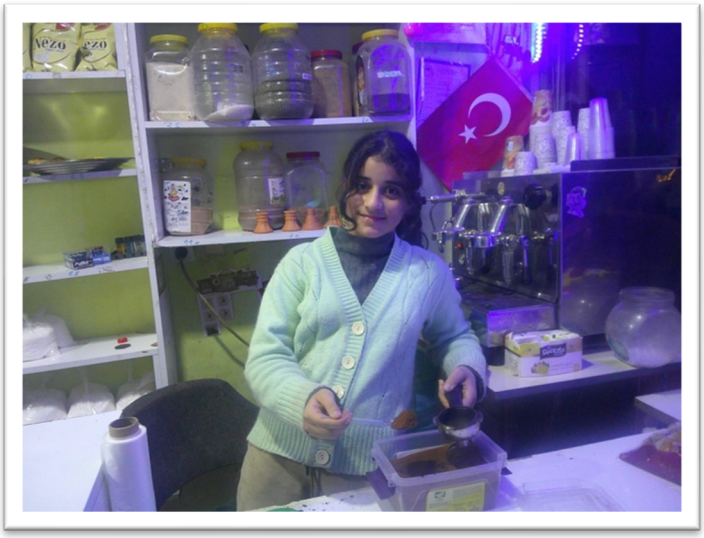
A Figura 15 (Fotografia da Muna) reforça esta dimensão do trauma por meio da metáfora visual do ninho vazio. A Muna explica que o ninho "representa a sua família destruída pela guerra e a perda da sua casa na Síria". A imagem pode ser interpretada como um símbolo de diversas perdas ao mesmo tempo, não apenas a perda do marido, mas também a perda do lar, da estrutura familiar e do modo de vida anterior. Contudo, a narrativa não se limita ao passado, uma vez que projeta também um futuro de solidão quando ela relata: “eu criei os meus filhos com tanto esforço… um dia eles vão embora e eu vou ficar sozinha, pois as outras têm marido… eu não”. Esta frase sugere que a viuvez impõe não apenas uma perda no presente, mas também uma trajetória de vida bem diferente das mulheres casadas, que terão apoio dos maridos quando os filhos saírem de casa. Muna elaborou uma síntese final da fotografia que suscitou um momento muito emocional no grupo: “o ninho vazio é como a alma de uma mãe que perdeu muito”. Esta metáfora permite compreender que a guerra não se resume à destruição física de infraestruturas ou à perda de vidas individuais, mas também à ruptura profunda de vínculos afetivas, sustentavam a vida familiar e comunitária na Síria.

Os conflitos armados têm um impacto desproporcional nas mulheres refugiadas, que enfrentam responsabilidades acrescidas em termos de cuidados e sobrevivência familiar em circunstâncias de extrema vulnerabilidade (Freedman et al., 2017).

6.2.3 Trabalho, família e estratégias de sobrevivência

A reconstrução da vida após a deslocação forçada depende ainda de práticas concretas de sobrevivência económica e reorganização familiar, que estão intrinsecamente relacionadas com o contexto urbano de Gaziantep. As fotografias deste tema emergente indicam que o trabalho remunerado, o empreendedorismo, e as relações de cuidado familiar são estratégias centrais as quais as refugiadas sírias produzem autonomia, subsistência e continuidade emocional.

Figura 16. ***Fotografia de Kholoud***



Nota. Kholoud capta uma imagem da sua filha no interior da sua loja.
Fonte: Imagem produzida no projeto (Kholoud – Foto 2 – 19/11/2025).

A Figura 16 apresentada por Kholoud, está diretamente associada à dinâmica de trabalho da sua família no meio urbano de Gaziantep. Como viúva, Kholoud explica que "é difícil manter a loja sozinha", mas conta com o apoio constante dos filhos. O filho mais velho, com apenas 12 anos de idade, depois de chega da escola ainda trabalha na loja até cerca das 23h. Um menino órfão que a família acolheu "como se fosse da família", também ajuda quando não está na fábrica, pois estuda e trabalha até mais tarde. Acrescenta ainda, que trabalha longas horas para pagar a renda e a comida. Kholoud lamenta e diz-nos que "as crianças deveriam viver a infância antes de trabalhar". As mulheres concordam e reforçam que esta é uma realidade que acontece em muitas famílias refugiadas, a qual associam o trabalho infantil a um ciclo que se repete entre os refugiados. Ayda reconhece a força de Kholoud: "Ser viúva aqui é muito difícil, mas ela conseguiu construir algo". O grupo reagiu e argumentou que todas "têm

histórias parecidas" e que, "na Turquia, as crianças dos refugiados crescem antes do tempo" para ajudar a família.

Figura 17. ***Fotografia da Dyana***



Nota. "Gasto muito tempo da minha vida em transportes". O deslocamento diário revela desgaste e falta de alternativas.

Fonte: Imagem produzida no projeto (Dyana – Foto 1 – 26/11/2025).

Nesta imagem (Figura 17), Dyana mostra o interior de um autocarro, o cenário diário da sua rotina há 14 anos. A participante descreve o seu dia a dia marcado por deslocações longas e cansativas. Dyana desloca-se de casa diariamente às 5h da manhã, enfrenta duas horas de percurso na ida e outras duas horas de regresso. No relato de Dyana é ainda possível compreender, que, após este longo trajeto matinal, ainda "trabalha", o que denota o acúmulo de funções e o esforço necessário para manter as suas atividades.

Esta fotografia sugere uma reflexão sobre o custo temporal e físico que a inserção na vida ativa exige. Dyana partilhou com o grupo o "cansaço" resultante da necessidade de deslocação, uma realidade comum a quem precisa de conciliar estudos e trabalho com longas distâncias urbanas.

A discussão de grupo sobre a exaustão de Dyana deu origem a um debate no qual foi sugerido atividades para reconfigurar o tempo perdido no transporte público, como ler, estudar ou ouvir música. Estas sugestões representam estratégias de sobrevivência fundamentais como forma de reivindicar o tempo perdido e transformá-lo em momentos de investimento pessoal ou descanso emocional, cruciais face às exigências da rotina.

Figura 18. ***Fotografia da Muna***



Nota. Muna apresenta uma fotografia do filho a dormir com o gato e descreve: “não se separam nunca”.
Fonte: Imagem produzida no projeto (Muna – Foto 1 – 24/11/2025).

A Figura 18 apresentada por Muna mostra o seu filho, de 14 anos de idade, a dormir abraçado ao gato da família. Ao apresentar esta imagem, Muna mostrou-se bastante emocionada e descreveu a relação entre ambos como muito próxima, ao afirmar que “os dois não se separam nunca” e que “onde um vai, o outro vai”. A fotografia foi captada logo cedo, quando Muna entrou no quarto para acordar o filho para ir à escola e encontrou a cena que descreveu como “calma, bonita e cheia de afeto”.

A imagem destaca um momento íntimo do quotidiano. Para Muna, o gesto de cumplicidade entre o filho e o gato surgere uma expressão de conforto e segurança, em contraste com as instabilidades associadas à experiência da guerra, discutidas no tema emergente anterior, incluvivé em outras fotografias da Muna.

Esta fotografia evidencia que, no contexto do refúgio urbano, as estratégias de sobrevivência das famílias incluem também a valorização de relações afetivas e de pequenos momentos de estabilidade no espaço doméstico. A construção de ambientes de cuidado assume, assim, um papel vital na reorganização da vida no período pós-guerra.

Figura 19. ***Fotografia da Teyma***



Nota. Teyma sente que o nascimento “trouxe alegria à família”.
Fonte: Imagem produzida no projeto (Teyma – Foto 3 – 19/11/2025).

A Figura 19 apresentada por Teyma mostra um bebé recém-nascido, com 20 dias de vida, filho do seu irmão. Ao comentar a imagem, Teyma afirmou sentir amor ao olhar para a fotografia e acrescentou que o nascimento da criança trouxe alegria à família.

Esta imagem introduz a dimensão da continuidade familiar no contexto do refúgio urbano. O nascimento manifesta-se como um acontecimento que pode interromper temporariamente uma rotina marcada por dificuldades, o que reafirma a importância da vida familiar e dos vínculos afetivos como parte das estratégias de sobrevivência após o deslocamento forçado.

Em conjunto, as produções visuais referentes a este tema indicam que o trabalho, a família e as estratégias de sobrevivência estão profundamente interligados na vida destas mulheres sírias. Para além da esfera económica, a capacidade de resiliência das refugiadas é sustentada pelo apoio familiar e pela valorização de momentos que proporcionam estabilidade.

7. Conclusões

O presente estudo teve como objetivo compreender de que modo as mulheres refugiadas sírias que residem na cidade de Gaziantep, na Turquia, vivenciam os processos de integração e reconfiguram o espaço urbano após a deslocação forçada. A pergunta de investigação orientou todo o percurso metodológica e analítico. Mediante a metodologia participativa do Photovoice, desenvolvida em colaboração com a organização SENED, foi possível aceder às narrativas visuais e verbais de dez mulheres sírias que, ao longo de quatro semanas, documentaram e refletiram coletivamente sobre as suas experiências quotidianas na cidade que as acolheu.

A análise integrada das fotografias e das histórias profundas partilhadas, não atuaram apenas como dados empíricos coletados, mas como testemunhos autorais vivos, escolhas deliberadas de mulhreres que decidiram ser vistas e compreendidas. Esta investigação contrasta com uma visão meramente passiva, ao considerar as refugiadas não como objetos de estudo, mas como mulheres ativas de conhecimento. Através do método associado à fotografia, elas próprias escolheram o que documentar, o que partilhar e o que silenciar. Isto difere radicalmente com métodos tradicionais onde investigadores externos interpretam e representam os refugiados sem a sua participação efetiva.

Este estudo revela algo frequentemente invisibilizado, a integração não constitui um processo linear de adaptação, apenas solucionado por meio de documentos, empregos ou o acesso a serviços sociais, as sim uma construção dinâmica atravessada por três dimensões que se interligam: memória e continuidade urbana; trauma e marcas de guerra; trabalho, família e estratégias de sobrevivência.

Estas dimensões, que emergiram fortemente das vozes das próprias participantes, demonstram que a integração não é um processo único, linear ou exclusivamente institucional. É, sim, um processo que se constrói progressivamente e diariamente à medida que a cidade é sentida e vivida. O primeiro plano remete para a continuidade simbólica com o passado, onde os elementos urbanos de Gaziantep lembram e são comparados a Alepo e Damasco, o que atuam como pontes de memória que permitem manter as referências de identidade. O segundo plano é o trauma da guerra, que aparece não apenas como uma memória do passado mas uma experiência incorporada que persiste no quotidiano, ao ser reativada por gatilhos visuais e espaciais no ambiente urbano . O terceiro e ultimo plano identificado diz respeito às estratégias de sobrevivência que incluem a mobilização de recursos materiais e relacionais, principalmente as redes familiares e comunitárias, face à precariedade económica e às desigualdades de género.

As imagens e histórias analisadas neste estudo, demonstram que as mulheres em condição de refúgio, não se limitam a adaptar-se à cidade de acolhimento, mas relacionam-se com ela ativamente, reinterpretam o espaço urbano a partir de referências do passado, vínculos afetivos e estratégias de reorganização da vida após a evacuação forçada da Síria. Esta continuidade simbólica articula-se com perspetivas teóricas que reconhecem a multidimensionalidade da integração (Ager & Strang, 2008; Appadurai, 1996), e destaca que o reconhecimento urbano constitui mais do que um fator contextual, trata-se de um recurso afetivo e identitário essencial que sustenta a reconstrução em contextos de refúgio.

Em termos metodológicos, o Photovoice mostrou-se uma abordagem completamente apropriada ao trabalho com mulheres refugiadas, na medida em que permitiu aceder a dimensões sensíveis da experiência urbana, uma vez que possibilitou a criação de espaços seguros e éticos. Esta condição facilitou a superação de obstáculos relacionados com a expressão verbal e a criação de um ambiente de confiança mútua. A utilização de câmaras fotográficas digitais, em vez de telemóveis, reforçou a intencionalidade reflexiva do processo, ao deslocar o foco para a experiência vivida naquele exato momento.

Do ponto de vista científico, esta investigação contribui significativamente para os debates sobre migração forçada e integração urbana. Ao privilegiar narrativas centradas inteiramente na experiência de vida, registadas intencionalmente e mediante as práticas diárias, afasta-se de abordagens tradicionais e introduz uma abordagem interseccional, que reconhece o papel central das mulheres refugiadas enquanto atores fundamentais na transformação social e urbana.

Um aspeto que merece reflexão crítica é a relativa ausência de imagens ou narrativas que sejam explicitamente reivindicativas ou de contestação político-social por parte das participantes. Esta observação não deve ser interpretada como uma manifestação de passividade ou mesmo de despolitização, mas antes como reflexo da vulnerabilidade inerente à condição de refugiada sob proteção temporária, num contexto político complexo e de tensões sociais crescentes.

A perceção do caráter discriminatório ficou evidente na preferência expressa pela maioria das participantes de que a exposição fotográfica fosse legendada em turco, e não em árabe, o que sugere uma estratégia deliberada de ocultar sua origem como forma de proteção no espaço público. Esta opção não é ocasional, mas sim reflexo da visão das participantes acerca das tensões sociais existentes e a necessidade de adotar estratégias que minimizem a exposição a possíveis discriminações.

Este receio pode ser contextualizado por estudos que documentam a situação de discriminação enfrentada por minorias na Turquia (Kurban, 2007; Aktoprak, 2024), particularmente num contexto de crise económica e política associada à questão migratória. Assim, a aparente ausência de posicionamentos políticos explícitos, pode ser considerado um dado sociológico significativo sobre as condições estruturais em que estas mulheres exercem a sua atividade.

Importa, contudo, reconhecer as limitações deste estudo. A ausência de financiamento externo limitou o período de permanência no terreno a apenas quatro semanas, embora tenha permitido construir confiança e recolher dados suficientemente ricos, foi insuficiênte para acompanhar os processos de integração que podem ser demorados e imprevisíveis. A colaboração com um intérprete do sexo masculino, apesar de essencial e cuidadosamente conduzido, pode ter limitado o acesso a pormenores emocionais e inibido a partilha de experiências mais intimistas por parte das participantes. Apesar das limitações mencionadas, o estudo produziu conhecimento válido e situado, mas reforça a importância de investigações futuras com maior duração e recursos.

Por fim, importa acentuar que as políticas e práticas de integração não podem ignorar as dimensões aqui reveladas. As imagens e as vozes das participantes nos mostraram claramente que o acolhimento urbano exige mais do que infraestruturas e bens essenciais. È imprescindível que se reconheçam as histórias, respeitem as memórias e valorizem a forma como as pessoas refugiadas transformam os lugares onde vivem. O Photovoice demonstrou que as metodologias participativas são eficazes na atribuição de poder interpretativo ás próprias mulheres, permitindo-lhes definir o que realmente é importante partilhar sobre as suas experiências. O compromisso ético que prevalece é garantir que investigações e políticas sobre refúgio sejam sempre construídas com, nunca apenas sobre, as pessoas refugiadas.

Referências Bibliográficas

ACNUR. (1950). *Estatuto do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.* https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Estatuto_ACNUR.pdf

ACNUR. (2023, Dezembro). *"Refugiados" ou "Migrantes"? Como as escolhas de palavras afetam os direitos e as vidas*. https://www.acnur.org/br/noticias/notas-informativas/refugiados-ou-migrantes-como-escolhas-de-palavras-afetam-direitos-e?utm_source=chatgpt.com

ACNUR. (2025, 28 de maio). *Relatório anual de resultados 2024: Turquia*. https://www.unhcr.org/sites/default/files/2025-06/Türkiye%20ARR%202024.pdf

Ager, A., Strang, A. (2008). Understanding Integration: A Conceptual Framework. *Journal of Refugee Studies*, (Abril de 2008), 21(2).

Aktoprak, E. (2024). *Unveiling Discrimination: Minorities in Türkiye*. London: Minority Rights Group International

Ann Liebert, M., & Wang, C. C. (1999). Photovoice: A Participatory Action Research Strategy Applied to Women's Health. *Journal of Women's Health*, 8(2).

Appadurai, A. (1996). *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization*. University of Minnesota Press.

Barkey, H. J. (2020). *How Erdogan muscled Turkey to the center of the world stage*. Council on Foreign Relations. https://www.cfr.org/articles/how-erdogan-muscled-turkey-center-world-stage

Brown, N. (2024). *Photovoice reimagined* (1ª ed.). Policy Press.

Capous-Desyllas, M., & Bromfield, N. F. (2018). Using an Arts-Informed Eclectic Approach to Photovoice Data Analysis. *International Journal of Qualitative Methods*, 17(1). https://doi.org/10.1177/1609406917752189

Catalani, C., & Minkler, M. (2010). Photovoice: A review of the literature in health and public health. *Health Education and Behavior*, *37*(3), 424–451. https://doi.org/10.1177/1090198109342084

Certeau, M. (2011). *The Practice of Everyday Life* (3ª ed.). University of California Press. https://www.perlego.com/book/551118

Ciger Ineli M, Orçun Ulusoy, & Gamze Ovacık. (2024). The EU-Turkey cooperation in the field of migration and asylum: What is wrong with it and how to fix it? *Asile Policy Brief*. https://www.asileproject.eu/wp-content/uploads/2024/02/ASILE-POLICY-BRIEF-Turkey.pdf

Clipto. (n.d.). *Clipto: AI-powered note-taking and meeting summaries*. https://clipto.ai/

Conselho da União Europeia. (2016, 18 de março). *Declaração UE–Turquia* https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2016/03/18/eu-turkey-statement/?utm_source=chatgpt.com

Cresswell, T. (2015). *Place: An Introduction* (2ª ed.). Chichester: Wiley-Blackwell. https://www.perlego.com/book/1001284

Cubero, A., Mildenberger, L., & Garrido, R. (2024). Photovoice for promoting empowerment with migrant and refugee communities: A scoping review. *Action Research*. https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/14767503241269750

Easton-Calabria, E. (2020). *Urban displacement, local engagement: Examining the past, current and future role of cities in forced displacement*. Refugee Studies Centre, University of Oxford: https://www.unhcr.org/sites/default/files/2025-08/evan-easton-calabria-urban displacement-local-engagement.pdf

Enoque Viana de Oliveira, H. (2018). Os refugiados Sírios e o acordo entre a União Europeia e a Turquia. *Conpedi Law Review*, *4*(1), 64–78. http://www.unhcr.org/news/latest/2016/6/5763b65a4/global-forced-displacement-hits

Freedman, J., Kivilcim, Z., Özgür Baklacıoğlu. (2017). *A gendered approach to the Syrian refugee crisis*. Routledge.

Frontex. (2024). *Migratory routes map – Eastern Mediterranean Route*. European Border and Coast Guard Agency. https://www.frontex.europa.eu/along-eu- borders/migratory-map/

Goularas, G. B., Ipek, I. Z. T., Çaglayan, P., Önel, E. (2024). *Migration, Identity and Politics in Turkey from the Ottoman Empire to Today* (1st ed.). Lexington Books. https://www.perlego.com/book/5104274

De Haas, H. (2024). *Como funciona realmente a migração: Um guia factual sobre a questão que mais divide a política.* (A. L. Cardoso, Trad.). Temas e Debates. (Trabalho original publicada em 2023).

Hale, W. (2012). *Turkish Foreign Policy since 1774*. Routledge. https://www.perlego.com/book/1625767

Hultman, L., Asaba, E., Riedel, D., Abdu, S., Afe, H., Atafnu, R., Ejigu, L., Bolling, J., Negussie, M., Ntobua, J., & Mondaca, M. (2023). Migration and disability narratives from an intersectional perspective: a photovoice study. *Disability and Society*. https://doi.org/10.1080/09687599.2023.2271157

Ineli-Ciger, M. (2014). Implications of the New Turkish Law on Foreigners and International Protection and Regulation no. 29153 on Temporary Protection for Syrians Seeking Protection in Turkey. *Oxford Monitor of Forced Migration*, *4*(2), 28–36. https://research-information.bris.ac.uk/en/publications/implications-of-the-new-turkish-law-on-foreigners-and-internation

Johnston, G. (2016). Champions for social change: Photovoice ethics in practice and 'false hopes' for policy and social change. *Global Public Health*, *11*(5–6), 799–811. https://doi.org/10.1080/17441692.2016.1170176

Kurban, D. (2007). *A Quest for Equality: Minorities in Turkey*. London: Minority Rights Group International

Law on the Protection of Personal Data No. 6698, Official Gazette of the Republic of Türkiye (7 April 2016): https://www.kvkk.gov.tr/Icerik/6649/Personal-Data-Protection-Law

Liebenberg, L. (2018). Thinking critically about photovoice: Achieving empowerment and social change. Em *International Journal of Qualitative Methods*, 17(1), *SAGE Publications Inc*. https://doi.org/10.1177/1609406918757631

Nasır, A., Alymany, G., Brimo, F., Tekin, S., & Drury, J. (2025). Understanding the socio-economic and wellbeing impacts of the 2023 earthquakes in Turkey on Syrian refugees. *International Journal of Disaster Risk Reduction*, 125, 105548. https://doi.org/10.1016/j.ijdrr.2025.105548

OpenAI. (2023). *Whisper: Automatic speech recognition*. https://openai.com/research/whisper

OpenAI. (2025). *ChatGPT* (versão 5) São Francisco: OpenAI. https://chat.openai.com/

Parliamentary Assembly of the Council of Europe. (2023, Junho). *Integration of migrants and refugees: benefits for all parties involved* (Doc. 15785). https://rm.coe.int/integration- of-migrants-and-refugees-benefits-for-all-parties-involved/1680aa9038

Pink, S. (2020). *Doing Visual Ethnography* (4ª ed.). SAGE Publications Ltd. https://www.perlego.com/book/3013290

Portugal com ACNUR. (2024). *Crise na Síria*. https://pacnur.org/pt/o-que-fazemos/emergencias/emergencia-siria

DGMM. (2025). Temporary protection. Göç İdaresi Başkanlığı (Direção Geral de Gestão da Migração. https://en.goc.gov.tr/temporary-protection27

Price, P. (2021). *A History of Turkey* (1ª ed.). Routledge. https://www.perlego.com/book/2884839

Pries, L., Savcı, B. Ş. Z., & Erdoğan, M. M. (2024). *Forced migration in Turkey: Refugee perspectives, organizational assistance, and political embedding*. Routledge. https://www.perlego.com/book/4341942

ReliefWeb. (2008). *Glossary of humanitarian terms.* https://reliefweb.int/report/world/reliefweb-glossary-humanitarian-terms-enko

Rose, G. (2022). *Visual Methodologies* (5ª ed.). SAGE Publications Ltd. https://www.perlego.com/book/4533794

Schmid, C. (2022). *Henri Lefebvre and the Theory of the Production of Space*. London: Routledge. https://www.perlego.com/book/3765677

SENED Organization. (2024). *Annual report 2024* (PDF recebido da organização). https://sened.ngo/

3RP Partners. (2025). *3RP Regional Strategic Overview 2026: Türkiye Country Chapter 2023 - 2025*. https://data.unhcr.org/en/documents/details/120269

Spencer, S. (2022). Visual research methods in the social sciences (2ª ed.). Routledge. https://www.perlego.com/book/3567293

Türkiye İstatistik Kurumu - TÜİK. (2025). Adrese Dayalı Nüfus Kayıt Sistemi Sonuçları, 2024 (Resultados do sistema de registo populacional, 2024). https://data.tuik.gov.tr/Bulten/Index?p=Adrese-Dayali-Nufus-Kayit-Sistemi-Sonuclari-2024-53783

UNHCR. (1967). *Convention and Protocol Relating to the Status of Refugees*. https://www.unhcr.org/media/convention-and-protocol-relating-status-refugees https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf

UNHCR. (2024). Türkiye Assistance Overview, July 2024. ReliefWeb. https://reliefweb.int/report/turkiye/turkiye-assistance-overview-july-2024

UNHCR. (2024). *Refugees in the world's largest places*. https://www.unhcr.org/refugee-statistics/insights/explainers/refugees-largest-places.html

UNHCR. (2025). *Turkiye annual overview 2025* https://reliefweb.int/report/turkiye/unhcr-turkiye-annual-overview-2025

UNHCR. (2025). Syria regional refugee response - Türkiye. *Operational Data Portal.* https://data.unhcr.org/en/situations/syria/location/113

United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs. (2024). Global Humanitarian Overview 2025. https://www.unocha.org/attachments/5546d7d3-654f-4962-91be-0e0b8708dda6/Global%20Humanitarian%20Overview%202025.pdf

Wang, C. C. (2006). Youth participation in photovoice as a strategy for community change. *Journal of Community Practice*, *14*(1–2), 147–162. https://doi.org/10.1300/J125v14n01_09

Wang, C. C., & Pies, C. A. (2004). Family, Maternal, and Child Health Through Photovoice. Em *Maternal and Child Health Journal (MACI) Maternal and Child Health Journal*. 8(2).95-102. Doi: 10.1023/b:maci.0000025732.32293.4f

Wang, C. C., & Redwood-Jones, Y. A. (2001). Photovoice Ethics: Perspectives From Flint Photovoice. Em *Health Education & Behavior*, 28(5), 560-72. doi: 10.1177/109019810102800504. PMID: 11575686.

Wang, C. C., Kun, W. Y., Wen Tao, Z., & Carovano, K. (1998). Photovoice as a participatory health promotion strategy. *Health Promotion International*, *13*(1), 75–86. https://doi.org/https://doi.org/10.1093/heapro/13.1.75

Wang, C. C., Morrel-Samuels, S., Hutchison, P. M., Bell, L., & Pestronk, R. M. (2004). Flint photovoice: Community building among youths, adults, and policymakers. *American Journal of Public Health*, *94*(6), 911–913. https://doi.org/10.2105/AJPH.94.6.911

Wang, C., & Burris, M. A. (1997). Photovoice: Concept, Methodology, and Use for Participatory Needs Assessment. *Health Education and Behavior*, *24*(3), 369–387. https://doi.org/10.1177/109019819702400309

Wang, C., Burris, M. A., & Ping, X. Y. (1996). Chinese Village Women as Visual Anthropologists: A Participatory Approach to Reaching Policymakers. *Social Science & Medicine*, *42*(10), 1391–1400. https://doi.org/https://doi.org/10.1016/0277-9536(95)00287-1

Women and Democracy Association (KADEM) & Mozaik Women Association. (n.d.). *Social adaptation research report concerning refugee women and their families in Gaziantep.*

Zürcher, E. J. (2017). *Turkey: A modern history* (1ª ed.). I.B. Tauris. https://www.perlego.com/book/917902

Anexos

Anexo A - Cronograma do projeto

Semana	Data	Atividades
SEMANA 1	**3-9 de Novembro**	**Chegada e Preparação**
	3 Nov (Seg)	Chegada e reconhecimento
	3 Nov (Seg)	Reunião com Equipa SENED
	4 Nov (Ter)	Apresentação do Projeto ao SENED
	5 Nov (Qua)	Revisão das Apresentações com SENED
	6 Nov (Qui)	Revisão dos Formulários de Consentimento
SEMANA 2	**10-16 de Novembro**	**Oficinas e Primeira Rodada Fotográfica**
	10 Nov (Seg)	Apresentação Informal com Participantes: *My object, My Story*.
	11 Nov (Ter)	Workshop 1: Co-definição – Exploração Inicial de Temas (Segurança, Pertença, Esperança, Visibilidade)
	12 Nov (Qua)	Workshop 2: Photovoice e Ética – Revisão dos Formulários de Consentimento
	13 Nov (Qui)	Workshop 3: Uso da câmara (Técnicas Básicas)
	13 Nov (Qui)	Participantes fazem a primeira rodada fotográfica
SEMANA 3	**17-23 de Novembro**	**Segunda Rodada Fotográfica e Partilha de Narrativas**
	17 Nov (Seg)	Participantes continuam a primeira rodada fotográfica
	18 Nov (Ter)	Sessão em grupo: Facilitação da Partilha de Narrativas (Individual e coletivo)
	19 Nov (Qua)	Participantes realizam a segunda Rodada Fotográfica (continuação)
	20 Nov (Qui)	Sessão em grupo: Facilitação da Partilha de Narrativas (Individual e coletivo)

Semana	Data	Atividades
SEMANA 4	**24-30 de Novembro**	**Reflexão, Combinação de Imagens e Narrativas**
	24 Nov (Seg)	Sessão em grupo: Facilitação da Partilha de Narrativas (Individual e coletivo)
	25 Nov (Ter)	Sessão em grupo: Facilitação da Partilha de Narrativas (Individual e coletivo)
	26 Nov (Qua)	Sessão em grupo: Combinação de Imagens e Texto em Colaboração
	27 Nov (Qui)	Independência Criativa e Decisões Editoriais
SEMANA 5	**1-7 de Dezembro**	**Encerramento e Exposição**
	1 Dez (Seg)	Preparação da Exposição com SENED
	2 Dez (Ter)	Exposição de Fotografias e distribuição dos Certificados
	4 Dez (Qua)	Partida para Lisboa

Anexo B - Consentimento para fotografar pessoas retratadas

IMAGE RELEASE AND CONSENT FORM
NOVEMBRO DE 2025

Photovoice Project: *Voices Through the Lens: Refugee Integration in Urban Spaces in Turkey Through the Photovoice Methodology*
Student: Ana Lomba de Carvalho Seixas (ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa)
Academic Supervisor: Prof. Dr. Annelien Groten e Prof. Dr. Joana Azevedo (ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa)
Local Partner Organization: Sened Dernegi, Gaziantep (Turkey)

Purpose of this Document
This form is intended for individuals who may appear in photographs taken by participants of the above-mentioned research project. The study uses the Photovoice methodology, which allows participants to express their experiences through photography.

Authorization
I give permission to be photographed during this Photovoice project. I understand that these photographs may be used for exhibitions, reports, academic publications, or other public platforms. I understand that my identity will be protected unless I give explicit permission to be identified.

Full Name of the Person Photographed:
_____

Signature: _____

Photographer/Participant Name:
_____

Signature: _____

Anexo C - Consentimento para uso e publicação das imagens

CONSENT FORM FOR USE AND PUBLICATION OF IMAGES
NOVEMBER 2025

Photovoice Project: *Voices Through the Lens: Refugee Integration in Urban Spaces in Turkey Through the Photovoice Methodology*
Student: Ana Lomba de Carvalho Seixas (ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa)
Academic Supervisor: Prof. Dr. Annelien Groten e Prof. Dr. Joana Azevedo (ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa)
Local Partner Organization: Sened Dernegi, Gaziantep (Turkey)

Purpose of this Document
This form concerns the voluntary authorization for the use and publication of photographs taken by participants in the context of the research project mentioned above. The use of these images aims to promote awareness, inclusion, and visibility of refugee experiences in urban settings.

Authorization for Use of Images
I, the undersigned, confirm that I am the author of the photographs submitted during the project and give my permission for these images to be used for educational, academic, and cultural purposes, including but not limited to exhibitions, academic presentations, institutional publications, websites, and social media channels related to the project.

Participant's Signature: _____

SENED representative: _____

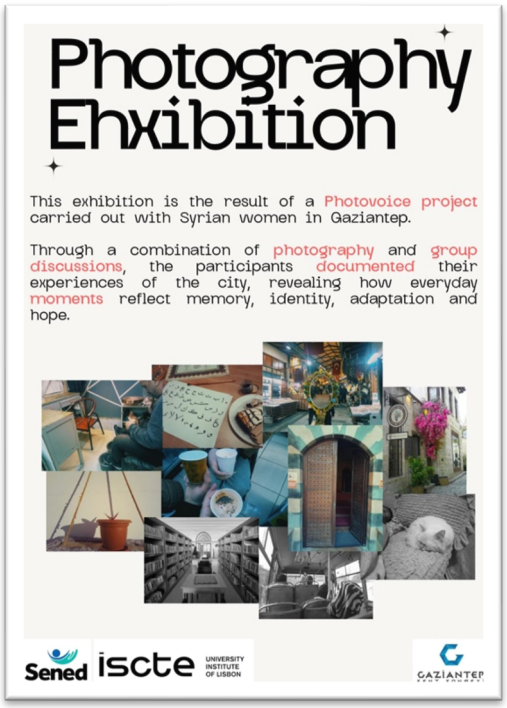
Interpreter: _____

Anexo D - Exposição de fotografias





Local onde foi realizada a exposição e o material gentilmente cedido pela ONG *Relief Internacional* [6]





Cartazes de divulgação do evento

[6] Relief International Turquia: https://www.ri.org/countries/turkiye/









Fotografias de alguns momentos do evento